

aconteceu durante toda pesquisa, onde correlacionei teoria e prática sem, no entanto, abstrair da interpretação minha percepção de mundo.

Para uma melhor compreensão de como foi realizada nossa análise e interpretação dos dados, organizei as informações na seguinte ordem:

- A. Grupo das Pesquisadoras** – Onde foram analisadas as questões técnicas, didáticas e pedagógicas de aplicabilidade em sala de aula das 03 publicações produzidas pelo CCN: Cartilha *Esta história eu não conhecia*, e as revistas em quadrinhos: *Zumbi Vai à Escola*; e *Negro Cosme e a Guerra da Balaiada no Maranhão*;
- B. Grupo dos Professores/as** – Onde foram analisadas as práticas didáticas e os conhecimentos prévios dos docentes em relação às Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais - DCNERER⁸⁵ e a sensibilidade e a pré-disposição dos mesmos/as em realizar em sala de aula atividades relacionadas à educação para relações étnico-raciais;
- C. Grupo dos Alunos/as** – Com os quais foram trabalhadas atividades educativas e pedagógicas referentes à temática das relações étnico-raciais, incluindo a análise a ser feita pelos alunos/as das 03 publicações produzidas pelo CCN, citadas anteriormente.

A – Grupo das Pesquisadoras

Através do grupo de pesquisadoras colaboradoras desta pesquisa, realizamos as análises das questões técnicas, didáticas e pedagógicas em relação à aplicabilidade em sala de aula das 03 publicações produzidas pelo CCN utilizadas neste estudo, para tanto, dividimos este processo da seguinte forma: Análise da Cartilha *Esta história eu não conhecia* – realizada pela Prof.^a Maria Raimunda Araújo (Mundinha Araújo)⁸⁶, e as análises das Revistas em Quadrinhos: *Zumbi Vai à Escola*; e *Negro Cosme e a Guerra da Balaiada no Maranhão* – realizadas pelas: Prof.^a Ana Amélia Campos Mafra⁸⁷,

⁸⁵ Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais.

⁸⁶ Formada em comunicação social, fundadora do CCN, vice-presidente (1980 a 1982), Presidenta (1982 a 1984). Foi diretora do Arquivo Público do Estado do Maranhão (1991 e 2003), idealizadora da Cartilha *Esta história eu não conhecia*. Entrevista realizada em 21/01/2016, em São Luís-MA.

⁸⁷ Pedagoga, Pesquisadora, Especialista em cultura afro-brasileira, Mestranda em Educação. Membro da Sub-Coordenação de Políticas de Educação para Relações Étnico-Raciais da RENAFRO – Núcleo MA; Fez parte do Conselho Editorial que elaborou a revista *Negro Cosme e a Guerra da Balaiada no Maranhão*.

Prof.^a Maria do Socorro Botelho⁸⁸, e pela Prof.^a Rosiane Silveria Rodrigues Veloso Amorin⁸⁹.

Desde o início de minha pesquisa, tive o cuidado de selecionar os materiais didáticos e pedagógicos a serem utilizados, levando em consideração que os mesmos seriam trabalhados em sala de aula, com alunos/as do 4º ano do ensino fundamental, por esta razão, baseei minhas análises para escolha das referidas publicações a partir dos seguintes aspectos:

- Materiais que pudesse ser trabalhado de forma educativa e pedagógica com crianças do 4º ano do ensino fundamental;
- Materiais que retratasse de forma positiva a história do povo negro, destacando a história do grande líder negro Zumbi dos Palmares e de Negro Cosme, e ajudasse ao leitor a fazer uma reflexão crítica sobre o dia 13 de maio;
- Textos de fácil entendimento com figuras que ajudassem na compreensão e interpretação dos leitores/as sobre a temática trabalhada neste estudo.

Após selecionar e analisar as publicações utilizadas nesta pesquisa, elaborei um questionário/roteiro de entrevista que foi trabalhado com o grupo de pesquisadoras acima citadas, pois tinha a certeza que precisaria de outras avaliações, sobre o material que eu havia selecionado, ou seja, fazia-se necessário ter uma avaliação realizada por técnicos e por outros, militantes dos movimentos sociais negros, especialistas nas discussões das relações étnico-raciais, por isso, as questões abordadas neste questionário/roteiro de entrevista foram com intuito de nos ajudar a compreender se o referido material dentro de uma proposta didático-pedagógico, serviria de referência na releitura da história do povo negro brasileiro.

⁸⁸ Formada em Letras, Mestra em Educação, Mestra em Pedagogia, Doutoranda (Doutorado na área de Inovação Pedagógica e Profissional), Prof.^a do IFMA/Campos Maracanã, Secretária Executiva do FEDERMA.

⁸⁹ Pedagoga, Historiadora, Mestranda (Mestrado em Educação/UFMA), Especializanda do Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola/UFMA, Concursada da SEMED de São José de Ribamar, onde exercer a função de professora de História Anos Finais do Ensino Fundamental (desde 2012), e de Coordenadora Pedagógica (desde 2015), onde acompanhou a realização das atividades pedagógicas em escolas da rede municipal, sendo que no ano de 2015 acompanhou os trabalhos desenvolvidos na Unidade Integrada Dunches de Abranches.

A.1 - Cartilha Esta história eu não conhecia

A história de criação desta cartilha se confunde com a própria história de criação do Movimento Social Negro no Maranhão e suas primeiras bandeiras de luta contra o racismo, e elaboração dos primeiros materiais didáticos e pedagógicos produzidos pelo CCN, em entrevista a Prof.^a Maria Raimunda Araújo nos relatou que:

... Em 1978, eu já tinha despertado para o problema do preconceito e do racismo, e já abordava essa questão nas palestras que eu realizava, naquela época, não tínhamos muitas informações aqui no Maranhão sobre este assunto, mas como eu trabalhava no Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais do Estado do Maranhão, e recebíamos os jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro, fui separando e arquivando notícias sobre a questão da luta contra o racismo nestes estados, neste período eu já tinha uma bibliografia referente esta discussão, pois como eu viajava bastante, sempre trazia livros sobre negros, lembro que um dos primeiros que eu comprei foi o de Florestan Fernandes, intitulado: A integração do negro na sociedade de classes entre outras publicações, a partir de então comecei a escrever alguns textos os quais serviram de referencia para as sessões de estudos realizadas durante as reuniões que antecederam a criação do CCN... (Prof.^a Maria Raimunda Araújo, entrevista realizada no dia 21/01/2016).

No início da década de oitenta do século XX, a Prof.^a Mundinha Araújo, dando continuidade ao processo de formação e discussão sobre as relações étnico-raciais, começou a escrever sobre temas relacionados à discussão do racismo e seus impactos na sociedade maranhense, sendo que neste período ela produziu a *Cartilha Esta história eu não conhecia*, que trazia informações sobre a história dos negros no Brasil, segundo a Prof.^a Mundinha Araújo “esta cartilha era uma tentativa de trabalharmos a autoestima das crianças negras, que nesta época eram bastante discriminadas nas escolas maranhenses” a cartilha narra a história de uma mãe que contava histórias “positivas” sobre os/as negros/as, para explicar o processo da abolição da escravatura para um menino negro que tinha brigado na escola com um menino branco, que havia lhe dito a seguinte frase após a briga: “Negrinho! Culpada disso é a princesa Isabel! ” (Araújo, entrevista realizada no dia 21/01/2016).

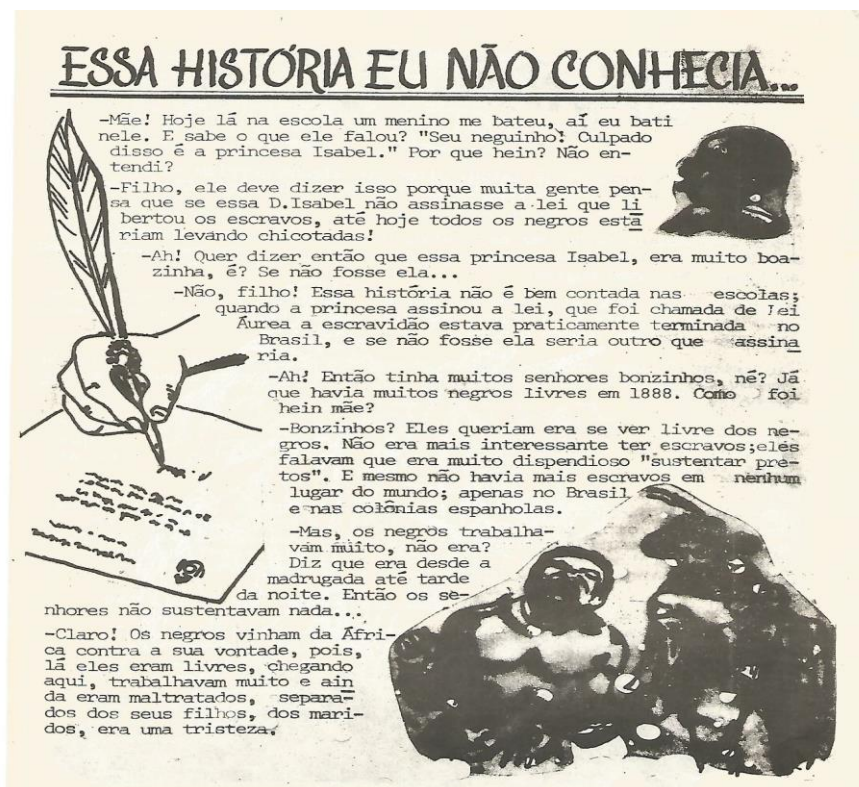


Figura 04: primeira página da Cartilha Essa História eu não conhecia

Fonte: Arquivo pessoal da Prof.^a Maria Raimunda Araújo (Mundinha)

Para Prof.^a Mundinha Araújo a estratégia de criação da Cartilha esta História eu não conhecia deu muito certo, pois a partir desta experiência o CCN começou a produzir e levar para as escolas materiais didáticos e paradidáticos que falavam sobre a questão das relações étnico-raciais no Maranhão. Ela ainda relatou que:

Na época em que esta cartilha foi produzida não tínhamos muitos recursos, tanto que a referida cartilha foi feita no formato de uma folha de papel A4 o qual era dobrada ao meio, onde o texto e as imagens foram distribuídas, desta forma a mesma tinha quatro partes, a partir desta matriz foram feitas varias cópias com as quais trabalhávamos em nossas palestras. As figuras que utilizamos em nosso ponto de vista retratavam a mensagem que queríamos passar e naquela época (início da década de 80 do século XX) deu muito certo e foi bem aceita nas escolas, como este foi o primeiro material a ser produzido que falava de forma positiva do negro, foi uma novidade e isso nos ajudou a discutir a questão do racismo e suas consequências na sociedade maranhense, tendo como referência o debate realizado nas escolas (Prof.^a Maria Raimunda Araújo, entrevista realizada no dia 21/01/2016).

Ainda segundo a Prof.^a Mundinha Araújo, no início da década de oitenta vivenciávamos uma realidade, hoje as coisas estão um pouco diferentes, pois temos mais acesso a informação sobre a questão da discussão das relações étnico-raciais, atualmente já temos vários materiais que retratam o negro de forma positiva e hoje diferente daquela época, atualmente os/as alunos/as já questionam a falsa abolição.

Em relação à utilização da Cartilha esta História eu não conhecia, como um material didático e pedagógico, a ser trabalhado no ambiente escolar, a Prof.^a Mundinha Araújo, faz a seguinte reflexão:

Acredito que poderíamos utilizar esta cartilha para trabalharmos principalmente no ensino fundamental e médio, mas para isso, este material deverá passar por uma revisão e substituição das imagens em preto e branco por outras coloridas, pois, esta cartilha é um material de referência que poderá nos ajudar a refletir sobre a questão do racismo e suas consequências. Se naquela época conseguimos fazer um material tão bom como este, nos dias atuais podemos melhorar a nossa ideia inicial, para tanto só basta termos força de vontade (Prof.^a Maria Raimunda Araújo, entrevista realizada no dia 21/01/2016).

A.2 - Revistas em Quadrinhos: Zumbi Vai à Escola; e Negro Cosme e a Guerra da Balaiada no Maranhão.

Em relação à sistematização dos dados, correlacionei as respostas das pesquisadoras, na ordem descrita anteriormente, de acordo com as perguntas que lhes foram feitas. É válido ressaltar que tivemos, de acordo com o questionário trabalhado, perguntas diferentes, pois levamos em consideração as especificidades de cada pesquisadora, e o interesse das mesmas em analisar o material de sua preferência, por isso, terão perguntas onde constará a resposta de apenas uma pesquisadora.

Segue abaixo, as perguntas e respostas:

1. A Sr.^a acha importante trabalhar a educação para relações étnico-raciais no ensino fundamental, utilizando materiais paradidáticos, em especial, os produzidos pelo movimento social negro? Porque? Dê sugestões de materiais que poderão ser utilizados neste processo?

Sim, é importantíssimo, tendo em vista a necessidade do encontro do educando negro/a com referências que retratem de forma positiva a história do povo negro.

O material produzido pelo movimento negro em sua maioria são resultados de práticas por intermédio de projetos executados.

Como sugestão: os materiais utilizados neste estudo, os livros publicados pela SECADI⁹⁰, os quais tiveram em sua elaboração a participação de educadores/as negras: como por ex: o livro Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais que poderá ser utilizado pelo educador/a (MAFRA, 2016, p. 01).

⁹⁰ Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão - SECADI.

Sim é importante, porque em minha opinião, são nas séries iniciais que o processo de conscientização precisa ser motivado. Os paradidáticos que sugiro, são: As Revistas Zumbi vai à escola, A História de Negro Cosme (as quais estamos analisando), e a Cartilha Minas de quilombo⁹¹ (BOTELHO, 2016, p. 01).

2. Em anexo encaminho as revistas produzidas pelo CCN, analise as mesmas a partir dos pontos abaixo descritos, dentre outros que achares pertinentes incluir.

Obs: em sua análise leve em consideração o período em que as mesmas foram elaboradas, Revista: Zumbi vai à Escola em 1998, Revista: Negro Cosme e a Guerra da Balaiada no Maranhão em 2000.

Pontos a serem analisados:

a) Qual a sua opinião sobre o formato das revistas? Se possível, dê sugestões?

REVISTA ZUMBI VAI À ESCOLA:

Considero relevante para abordagem em sala de aula a partir do título, considerando a necessidade que temos em desmistificar ideologias depreciativas referentes à população negra. A palavra Zumbi ainda aparece bastante negativamente. Mesmo sendo referenciado de forma positiva no dia 20 de novembro, percebe-se nos meios de comunicação, brincadeiras e expressões do tipo: Tá parecendo um zumbi; faz medo; tá feio parece mais um zumbi.... Estas expressões negativas precisam ser desmistificadas.

O formato de revista em quadrinho poderá ser usado dependendo do nível escolar a ser utilizado. Diante das novas tecnologias é possível melhorar as ilustrações das mesmas, o que se faz necessário (MAFRA, 2016, p. 02).

O formato da revista é bem pedagógico. Com quadrinhos de fácil leitura de texto e imagens. A extensão da história (13 páginas) torna-se uma leitura interessante principalmente para as turmas de 4º e 5º ano, onde ainda encontramos crianças com dificuldades na leitura e outras que ainda não estão alfabetizadas. Os textos curtos possibilitam a leitura na própria sala de aula, podendo ser trabalhada como leitura compartilhada ou individual. Um ponto que chamou minha atenção foi que na capa tem um símbolo (duas flechas), que durante o texto não identifiquei o significado.

A sugestão é que as imagens da revista sejam coloridas (AMORIN, 2016, p. 02).

⁹¹ Minas de Quilombo – É o Resultado de uma pesquisa participativa, esta publicação traz uma parte da história dos remanescentes de quilombos no Brasil, especialmente os do Estado de Minas Gerais. Voltado para educadores/as de comunidades quilombolas e adjacências seu objetivo é contribuir para a implementação da Lei 10.639/03 que institui a obrigatoriedade do ensino de História da África e Cultura Afro-Brasileira. Publicado em 2008, pela REDEH - Rede de Desenvolvimento Humano.

REVISTA NEGRO COSME:

Sugiro que seja revisto com olhar para o ano a ser trabalhado. As ilustrações aparecem muito carregadas para o 4º e 5º ano. As questões sociais políticas e econômicas devem considerar a situação atual a partir do contexto da Balaiada que não pode perder de vista o caráter de movimento formado por grupos insatisfeitos, com a conjuntura da época. A exemplo das trabalhadoras /es quando se juntam em movimento de greve aglutinando várias categorias (MAFRA, 2016, p. 02).

Observo que o formato das duas revistas está bem adequado à realidade, elas mostram os desafios pelos quais as populações lutaram e lutam para garantir os seus direitos. Sugiro que as ilustrações sejam coloridas (BOTELHO, 2016, p. 02).

b) Em relação à forma como a história foi escrita, é de fácil compreensão para as crianças e adolescentes (isto em relação aos alunos do 4º e 5º ano do ensino fundamental)?

REVISTA ZUMBI VAI À ESCOLA:

Sim, dependendo da forma que se apresenta a História, elas/elas conseguirão interagir entre eles/as e com o professor/a. (vai depender da metodologia de trabalho a ser utilizada). (MAFRA, 2016, p. 02).

De forma geral sim, tanto para alunos/as de 4º e 5º ano como para dos Anos Finais do Ensino Fundamental, com algumas ressalvas expostas a seguir. Para o público discente dos Anos Finais sugiro que a história poderia ser mais longa trazendo mais informações, com textos mais complexos. Embora a história seja de fácil compreensão apresenta erros gramaticais (p. 02), (Acredito que em uma reedição a mesma deverá passar por uma revisão textual; As imagens confundem o leitor/a em alguns quadros (p.5). Também algumas informações históricas poderiam ter abordagens mais claras, exemplo: na página 13, menciona que os espanhóis e portugueses estavam em busca de novas terras. Não só esses países, o que dizer da Inglaterra e suas treze colônias, atual E.U.A⁹²? e em outra página que menciona que indígenas e negros tiveram seu processo de escravidão aqui no Brasil conjuntamente (AMORIN, 2016, p. 03).

Em relação à Revista sobre NEGRO COSME, sugiro que a mesma seja trabalhada a partir do quinto ano por tratar de um assunto que requer maiores aprofundamentos e reflexões, considerando o contexto histórico, social político econômico de gênero e os grupos étnicos (MAFRA, 2016, p. 02).

⁹² Estados Unidos da América.

c) **Qual a sua opinião sobre as figuras e a forma como zumbi e os negros/as são retratados nestas revistas? De acordo com sua análise, dê sugestões?**

REVISTA ZUMBI VAI À ESCOLA:

Ilustrações apresentam as batalhas na defesa do território.

Sugestões: Seria a de dinamizar as ilustrações e trazer informações acerca da resistência, os avanços na temática dos quilombos: a legislação e a religiosidade, fazer referência aos quilombos nos dias atuais. Essas complementações cabem na página 15. Também fazer referência à participação feminina nesse contexto, a partir do Quilombo de Palmares (MAFRA, 2016, p. 02).

Ilustração: A “mão” aberta sozinha hj. O que significa, abrindo-se para juntar-se a outras? Precisa ter uma nota de rodapé explicando o seu significado.

As imagens, na sua grande maioria reforçam o imaginário estereotipado do negro como: zangado, malvado ou infeliz. Destacamos que tais imagens não contribuem para o fortalecimento de identidades e de direitos do povo negro. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana orientam dentre os seus princípios para: **“o rompimento de imagens negativas [...], contra os negros e os povos indígenas”** (DCNERER, 2004, p.19). Sabemos que as imagens são um riquíssimo recurso pedagógico na leitura crítica de mundo, na aprendizagem de valores e na formação pessoal. Assim, os “livros didáticos deverão promover positivamente a imagem de afrodescendentes [...]” (Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, 2013, p, 22) (AMORIN, 2016, p. 03).

Mesmo quando o texto relata a ação perversa do povo europeu com relação aos indígenas e negros/as, as imagens nos transmitem outra mensagem do homem branco indefeso (p. 4 e 5). Expressão como “pretos fugidos” (p. 9), poderia ser substituída por outra que ressaltasse a resistência do povo negro contra a escravidão sendo uma delas a fuga (AMORIN, 2016, p. 03).

Na minha opinião as revistas mostram a realidade, mas as mesmas dentro de um contexto atual devem ser revisadas, as imagens além de serem coloridas deveriam ser melhor exploradas tendo como foco a nossa leitura atual sobre a importância de Zumbi dos Palmares e de Negro Cosme e dos negros/as em nosso processo de luta e resistência contra a escravidão (BOTELHO, 2016, p. 02).

d) Quais as suas considerações finais sobre as revistas (Zumbi vai à Escola e Negro Cosme)? Pedagogicamente é um material que pode ser utilizado na discussão das relações étnico-raciais com destaque para implementação da lei 10.639/03 na rede oficial de ensino?

Sim a partir das observações às quais pontuei anteriormente. Pois devemos trabalhar a própria liderança do nome Zumbi enquanto referência positiva para criança negra na escola. Desta forma, iremos estimular a permanência dessas crianças na escola, desenvolvendo o espírito de liderança nas mesmas (MAFRA, 2016, p. 02).

Em relação à Revista Zumbi Vai à escola, considerando todas as ressalvas supracitadas e passando por uma revisão destes pontos, ela se tornaria um bom material pedagógico a ser utilizado na discussão das relações Étnico-Raciais. Quanto mais materiais de boa qualidade tivermos a disposição para implementar a Lei 10.639/2003, mais rica será a aprendizagem de nossos/as discentes (AMORIN, 2016, p. 04).

Sim. A partir de minhas considerações, as duas revistas precisam ser estudadas em sala de aula, deveriam ser trabalhadas na semana pedagógica, nos cursos de formação continuada, nos planejamentos dos docentes. (BOTELHO, 2016, p. 02).

3. A Sr.^a já participou de alguma formação ou capacitação sobre a lei 10.639/03 ou sobre a questão da educação para relações étnico-raciais? Caso positivo qual o resultado obtido com esta participação?

Sim. Particpei de dois momentos formativos sobre essa temática, um no curso de extensão em Formação Continuada em Gênero e Educação para Relações Étnico-Raciais, promovido pela Universidade Federal do Maranhão-UFMA/NURUNI-Núcleo de Extensão e Pesquisa com Populações e Comunidades Rurais, negras, Quilombolas e Indígenas, cujo tema era sobre Educação para as Relações Étnico-Raciais e o outro foi uma disciplina trabalhada na especialização da UFMA sobre Gênero e Diversidade (Relações Étnico-Raciais na escola).

O resultado obtido com estas formações foi além de despertar o meu interesse de estudo acadêmico sobre esses temas. O de ampliar os meus conhecimentos, podendo contribuir nos planejamentos de História que coordeno na Rede Municipal de São José de Ribamar (AMORIN, 2016, p. 01).

4. Como a SEMED de são José de Ribamar vem trabalhando a questão da educação para relações étnico-racial no currículo dos seus níveis de educação? Se possível faça uma breve descrição dos principais resultados alcançados? E principais propostas para 2016?

A questão da Educação para as Relações Étnico-Raciais é trabalhada com o corpo docente da Rede nos planejamentos pedagógicos. Cada planejamento escolhemos uma temática a ser trabalhada, ou que esteja relacionada com a Lei 10.639/03, ou com a Lei 11.645/08. A partir da escolha do tema, selecionamos o material (textos, vídeos, dicas de leitura) que será utilizado em momentos que definimos como momento formativo, que realizamos com os/as professores/as no dia do planejamento. (Vale mencionar que o planejamento é organizado em dois momentos: momento formativo e o planejamento de conteúdos), ambos são realizados no dia estabelecido para o planejamento coletivo. Também destacamos, que ao analisarmos os conteúdos a serem trabalhados em sala de aula, fazemos inferências indicando abordagens sobre as referidas Leis. Esse trabalho perpassa todos os níveis de Ensino, sendo que de 6º ao 9º é dado uma ênfase maior. Ressalto que a mesma temática é trabalhada em todo o currículo, com abordagens de acordo com cada nível e ano de ensino (AMORIN, 2016, p. 02).

5. A SEMED tem conhecimento e/ou utiliza o kit Da Cor da Cultura⁹³ nas formações de sua equipe técnica? Caso positivo, quais os principais resultados alcançados com a utilização deste kit?

Temos conhecimento, mas o município nunca recebeu o material e nem a formação que foi dada pelo MEC (AMORIN, 2016, p. 02).

6. A Sr.^a acha importante trabalhar a educação para relações étnico-racial na escola Dunches de Abranches? Porque?

Acho muito importante não só na Escola Dunches de Abranches, mas em todas as escolas que compõem a Rede de Ensino do Brasil. Temos séculos de omissão na educação brasileira de abordagens dessas questões. Precisamos difundir a discussão dessa temática, enquanto profissionais de educação e agentes sociais que somos (AMORIN, 2016, p. 02).

⁹³ O Kit da cor da cultura trabalha com a capacitação de professores e o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na rede oficial de ensino. Este Kit foi distribuído para todas as secretarias estaduais e municipais do Brasil.

7. Qual a relação da SEMED com o movimento social negro do estado do Maranhão? Alguma entidade do movimento negro já fez ou faz algum trabalho em parceria referente à discussão das relações étnico-raciais?

Infelizmente neste curto período em que estou trabalhando na Secretaria não tive conhecimento, mas não posso afirmar que não houve, seria irresponsável da minha parte como profissional. Nos anos anteriores era uma outra equipe que desenvolvia o trabalho de coordenação, e não deixaram registros se houve essa articulação com os movimentos sociais negros (AMORIN, 2016, p. 01).

8. Em relação ao acompanhamento pedagógico que a Sr.^a fez na escola Dunches de Abranches, como o mesmo era feito? Quais os principais resultados alcançados com esse acompanhamento?

O acompanhamento pedagógico desenvolvido nas escolas da rede Municipal de São José de Ribamar, fica muito deficiente na medida em que somos coordenadoras itinerantes, ou seja, não estamos em uma mesma escola todos os dias, o que deixa muito a desejar no que tange ao pedagógico. A frequência com que visitamos as escolas também é outro fator que complica o trabalho a ser realizado e isso acontece por vários fatores dos quais posso mencionar alguns: o quantitativo de escolas que cada coordenadora possui (8 ou mais escolas), outras tarefas que nos são atribuídas como a organização e realização dos planejamentos; aplicação, correção de provas e simulados internos e externos, dentre outros (AMORIN, 2016, p. 02).

Na medida do possível, durante o acompanhamento priorizamos o diálogo com o corpo docente da escola, dialogamos com a gestão e apoio pedagógico sobre o processo de ensino-aprendizagem, conversamos individualmente com os/as professores/as para conhecimento da realidade de cada turma, orientamos pedagogicamente quando necessário. Também sugerimos ações sobre o trabalho pedagógico para a gestão e apoio pedagógico (AMORIN, 2016, p. 02).

Vale destacar que na Rede municipal de Ensino de São José de Ribamar a maioria das escolas não possuem o profissional que exerce a função de coordenação pedagógica. O que dificulta termos melhores resultados, pois, fica muito do comprometimento de gestores/as e docentes com a educação na escola que atuam (AMORIN, 2016, p. 02).

De acordo com as análises que foram feitas anteriormente pelas pesquisadoras, considero extremamente importante discutir princípios significativos e fundamentais que possam na medida do possível orientar os/as profissionais da educação em relação à discussão de estratégias para implementação das diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais, pois precisamos construir um referencial curricular

no qual elementos constitutivos da cosmo visão africana, em grande parte desconhecida no campo educacional brasileiro possa servir de base para uma mudança. Neste sentido, os materiais didáticos pedagógicos produzidos pelo movimento social negro são referenciais que poderão nos ajudar nesta construção, neste sentido, concordo com as reflexões de Brasil, quando nos fala que:

Estamos conscientes dos limites impostos pela natureza do trabalho apresentado, diante do propósito de instaurar na escola, ambiente propício ao respeito às diferenças e à valorização da diversidade, a história e a cultura negra com a dignidade que lhes é devida. É uma proposta que se apresenta desejosa de diminuir a distância entre o discurso bem intencionado e o que efetivamente se deve e se pode fazer, isto é, entre o discurso e a prática cotidiana (BRASIL, 2006, p.59).

Por isso, as análises e considerações feitas pelas pesquisadoras nos ajudam a compreender que as 03 publicações produzidas pelo CCN, utilizadas neste estudo, são fontes a serem utilizadas do ensino fundamental até a graduação, desde que sejam levadas em consideração todas as observações e recomendações feitas.

B. Grupo dos Professores/as

Observando a dinâmica dos professores/as do ensino fundamental, em especial os da escola Dunches de Abranches, onde tive a oportunidade de lecionar, percebo que o professor/a desse nível de ensino tem a possibilidade de trabalhar o processo de transformação, com os alunos/as, pois o referido docente é responsável por oito disciplinas que são elas: língua portuguesa, matemática, história, geografia, ciências, artes, ensino religioso e educação física. Através das quais podemos refletir sobre a educação para as relações étnico-raciais. De acordo com o que mencionamos anteriormente lecionam na Escola Dunches de Abranches 10 (dez) professores/as (sendo 05 no turno matutino e 05 no turno vespertino) dentre os quais eu estou incluído. Neste processo de pesquisa, dividi a entrega dos questionários de pesquisa da seguinte forma: com os professores/as do turno vespertino eu mesmo entreguei e conversei com os mesmos sobre o tema de minha pesquisa, optei por esta dinâmica por ter uma aproximação maior com os mesmos, pois constantemente participamos de reuniões de planejamento e elaboração de atividades em conjunto, o que fez com que esses docentes não tivessem resistência em participar da referida pesquisa. Contudo com os/as professores/as do turno matutino pedi para coordenadora pedagógica e para gestora que

intermediassem o processo de conversa e entregassem os questionários da pesquisa para docentes do turno matutino, acredito que esta foi a melhor alternativa, pois, eu não tinha muito contato as mesmas, e ao entregar pessoalmente os questionários seria mais difícil eu ter um retorno. Mas pra minha surpresa só os/as professores/as do turno vespertino entregaram os questionários respondidos, pois os demais professores/as do turno matutino, não devolveram.

Na última semana do mês de junho de 2016, toda a equipe de professores/as participou da última atividade do semestre a que teve como foco o período junino, foi realizada no pátio da escola no turno matutino. No término das referidas atividades foi realizada pela gestora e coordenadora pedagógica uma reunião de avaliação das atividades, aproveite a oportunidade para questionar as referidas professoras se as mesmas não tinham recebido os questionários de pesquisas e se não foram informadas sobre o objetivo da pesquisa que eu estava realizando, as mesmas responderam que sim que tinham sido informadas sobre tudo, e quando questionadas do porquê de não terem respondido os questionário, falaram que haviam se esquecido, que não tiveram tempo de responder, e algumas que nem estavam mais lembrando deste instrumental, esta situação demonstra a fragilidade que as mesmas tiveram em relação à compreensão da importância de discutirmos questões referentes à implementação da Lei de nº10.639/03 e das DCNERER em sala de aula. E isso nos dá uma pequena amostra do quanto esta discussão é difícil de ser realizada dentro do ambiente escolar, mas o fato de outros professores/as da mesma escola se permitirem a participar desta pesquisa demonstra que esta discussão deve ser feita e fazer parte das formações, planejamento e ser incluído no PPP da escola, desta forma, transcrevemos a seguir as respostas do/das professor/as do turno vespertino.

1. O que significa ser educador/a para você?

Ser educador é contribuir com a sociedade na formação e construção dos conhecimentos de alguns indivíduos para o exercício das práticas sociais (Prof. 01).

Transformar realidades, através da inovação de novos conhecimentos, por meio dos conteúdos programáticos (Prof. 02).

É ser alguém que permanentemente procura educar para a vida, mostrando como é o mundo e ensinando as coisas que este mundo pode proporcionar a vida das pessoas. Ser educador é saber conduzir o educando no processo ensino-aprendizagem como um mediador de conhecimentos (Prof. 03).

É refletir sobre minha prática enquanto mediadora de conhecimentos e valorizar as diferentes habilidades dos alunos/as (Prof. 04)

2. Você insere em seu conteúdo programático questões que abordem a diversidade étnico-racial ou o racismo? Em caso positivo como é feita esta inserção?

Quando se faz necessário sempre abordo as questões referente a diversidade étnico-racial ou racismo, no contexto escolar, de forma que venha contribuir na construção do conhecimento dos educandos. Para tanto, podemos está ressaltando o Dia da Consciência Negra que sempre trabalhamos em forma de projeto, falando dos negros/as que contribuem com a formação da sociedade brasileira etc... (Prof. 01).

Sim, através de diálogos e leitura de textos esclarecedores sobre o tema (Prof. 02).

Sim, em datas comemorativas e/ou em comentários feitos pelos alunos ou nos noticiários expostos pela mídia. Procuro enfatizar sobre o assunto gerando assim, um possível debate (Prof. 03).

Às vezes trabalho a diversidade racial para abordar alguns assuntos, como o Dia da Consciência Negra (Prof. 04).

3. Você já participou de alguma formação ou capacitação sobre a lei nº10.639/03 ou sobre a questão da educação para relações étnico-raciais? Em caso positivo, qual o resultado obtido com esta participação?

Todos os professores/as responderam que nunca participaram de formação ou capacitação sobre esta temática (Prof. 01, 02,03 e 04).

4. Você acha importante trabalhar a educação para relações étnico-racial nesta escola? Por quê?

Sim, acredito que o trabalho da educação étnico racial, vai contribuir de forma significativa para a valorização dos negros no Brasil. Ressaltando a contribuição de cada um deles para a nossa história (Prof. 01)

Sim, é de grande relevância para conscientização de uma igualdade social no Brasil (Prof. 02).

Sim, porque desta forma teremos oportunidade de conhecer a história, e a realidade do povo negro e como os mesmos são tratados em nosso meio social bem como a oportunidade de discutir sobre as diferentes etnias em termos de direitos e deveres na construção de uma cidadania ética e respeitadora das diferenças e minorias na sociedade em que vivemos. (Prof. 03).

Sim, não somente nesta escola, mais em todas as escolas das redes escolares públicas e privadas da educação infantil ao ensino superior, o aluno/a deve ser levado a refletir que o Brasil é um país miscigenado (Prof. 04).

5. Você conhece ou já ouviu falar sobre o CCN? Conhece alguma ação ou projeto desenvolvido por esta entidade do movimento social negro em relação ao combate ao racismo?

Não, sugiro que essas ações sejam divulgadas e discutidas no âmbito social e escolar (Prof. 01 e 02)

Sim, do CCN, eu já ouvir falar do Projeto Sonho dos Erês e o do Bloco Afro Akomabu. (Prof. 03);

Eu nunca ouvir falar do CCN, mais já ouvir falar de vários movimentos negros no Maranhão. Mais não conheço o trabalho dos mesmos, os movimentos negros precisam ser mais divulgados nas escolas, igrejas e associações comunitárias (Prof. 04).

6. Deixe uma sugestão de como pode ser trabalhada em sua prática educativa e pedagógica o conteúdo da diversidade?

Sabemos que atualmente a Educação Étnico-Racial, já é lei na grade curricular, mais infelizmente ainda não se concretizou em minha prática pedagógica posso ressaltar que a mesma vem sendo trabalhada através de projetos (Prof. 01).

A sugestão é que a diversidade étnico-racial deve ser trabalhada através dos temas transversais (Prof. 02).

Trabalhando de forma respeitosa, democrática e sem proselitismo é garantido a todos os educandos a permanência na escola e conseqüentemente seu sucesso escolar, para que se alcance o que diz Boaventura Santos. “Temos o direito de ser iguais sempre que as diferenças nos inferiorizem, temos direito de ser diferente sempre que a igualdade nos descaracterize” (BOAVENTURA SANTOS) (Prof. 03).

No primeiro momento é importante e interessante levar os alunos a perceberem as semelhanças que existem entre eles dentro da sala de aula, tais como: cor dos olhos, cor do cabelo, cor da pele, desse modo, eles poderão entender que esses aspectos não aparecem só no ambiente escolar, mais em outros lugares da sociedade. No segundo momento, conversar com os alunos, para que possam entender melhor sobre a formação do povo brasileiro miscigenação (Prof. 04).

A partir do depoimento dos professores/as, pode perceber que há muito ainda a ser feito em relação à discussão das relações étnico-raciais no ambiente escolar, nesse sentido concordo com as reflexões de Brasil (2006), quando diz que:

Enfatizar as relações entre negros, brancos e outros grupos étnico-raciais No ensino fundamental não nos leva necessariamente a conflitos ou impasses. Há a possibilidade de mediações, de acertos, que permitam uma aproximação de interesses ao mesmo tempo comuns e não comuns, mas que se fundem na negociação. Portanto, não se pretende pensar uma sociedade como idílica, harmônica e sem conflitos, uma sociedade que negue as desigualdades sociais, raciais e regionais. Além disso, o que se busca não é simplesmente a troca de uns heróis e divindades por outros, mas uma diretriz educacional que possibilite uma pluralidade de visões de mundo. Um retorno à metáfora do círculo, ou seja, uma forma de conciliação possível e humana em que a voz, o escutar e ser escutado, a presença de todos e todas é condição fundamental (BRASIL, 2006, p. 60).

Ainda sobre o depoimento dos professores/as acima citados, ao analisar suas repostas, concluo que para trabalharmos as relações étnico-raciais no ambiente escolar, precisamos investir em ações de:

- Implementação da Lei de nº10.639/03 e das DCNERER nas redes de ensino do Brasil;
- Sensibilização da comunidade escolar em relação à mudança de comportamentos, a fim de combatermos as atitudes de descaso e desrespeito à diversidade étnica e cultural da sociedade brasileira;
- Efetivação de um currículo escolar antirracista.

Como resultado preliminar desta pesquisa, destaca-se a contribuição da mesma no processo de sensibilização dos professores/as da Escola Dunches Abranches sobre a necessidade da implementação da Lei nº 10.639/03, e da inclusão em seus planos de aula do referido tema, com orienta as DCNERER, pois, precisa ser garantido que a diversidade seja discutida com os alunos/as no sentido de termos uma sociedade mais justa e igualitária, desta forma, concordo as reflexões de Brasil (2006) quando nos diz que:

Ao professor/a educador/a, tendo a memória e a história como perspectiva, cabe o ofício de selecionar, sistematizar, analisar e contextualizar, em parceria com seus/suas alunos/as e quiçá, toda a comunidade escolar, o que pode ser considerado como um fato histórico, o que é relevante para um entendimento do processo histórico de reconstrução da memória que se registra nos livros e orienta uma agenda educacional (BRASIL, 2006, p.60).

C. Grupo dos Alunos/as

Em relação ao grupo de alunos/as do 4º ano do ensino fundamental, do turno vespertino da Unidade Integrada Dunches de Abranches, trabalhei com a Cartilha e as revistas produzidas pelo CCN, da seguinte forma: A *Revista Zumbi Vai a Escola* foi trabalhada com os alunos/as da turma de 2015, onde desenvolvi atividades no período de agosto a dezembro de 2015, e a Cartilha *Esta história eu não conhecia* e a *Revista Negro Cosme* e a *Guerra da Balaiada*, foram trabalhadas com os alunos/as da turma de 2016, onde desenvolvi atividades no período de fevereiro a junho de 2016.

Antes de trabalhar os referidos materiais acima citado com os alunos/as, preparei uma sequência de atividades didáticas e pedagógicas que contribuíssem no processo de reflexão dos mesmos sobre a temática das relações étnico-raciais como por ex: respeito as diferenças, a importância do povo negro e dos povos indígenas na construção do Brasil, o processo de luta e resistência do povo negro e dos povos indígenas, a questão do racismo e da intolerância religiosa, e os aspectos da história e cultura afro brasileira, africana e indígena.

Como suporte didático e pedagógico utilizamos: o texto *Menina Bonita do Laço de Fita* – que fala sobre a diferença e igualdade⁹⁴ e dois materiais áudio visuais do Projeto *A Cor da Cultura*, o filme: *O Filho do Vento* - que narra a história de um conto infantil africano, onde uma mãe conta para seu dois filhos (um menino e uma menina), a história de uma criança que tinha como amigo o filho do vento. E o Filme – *Kiriku e a Feiticeira* - que narra à história de um menino negro guerreiro, que morava em uma aldeia no Senegal, África. O destaque deste filme é que o personagem que é uma criança tem características adultas, manifestando inteligência, coragem, esperteza e sabedoria.

C.1 - REVISTA ZUMBI VAI À ESCOLA

Em relação a análise desta revista os alunos/as foram divididos em pequenos grupos onde os mesmos, escreveram um texto sobre o que entenderam da história, contada nesta revista, as respostas obtidas foram:

Há quinhentos anos atrás, os negros e os índios viviam livres. Os negros no continente da África. Os índios no continente da América onde fica o Brasil. No Brasil, os invasores portugueses querendo enriquecer resolveram escravizar os índios daqui e os negros trazidos da África. Ao longo de 100 anos, palmares foi atacado dezenas de vezes pelas expedições inimigas. Com

⁹⁴ Texto da Autora Ana Maria Machado.

a morte do rei ganga zumba, zumbi foi aclamado rei do Quilombo de Palmares. No dia 20 de novembro de 1695 as tropas inimigas descobrem o esconderijo de zumbi, sendo que nesta data ele foi assinado depois de muito lutar. Zumbi – o maior herói da história do Brasil, que morreu há mais de 300 anos, porém continuou vivo! (Alunos/as) do 4º ano, da U.I.D.A - Turno vespertino – 2015).

Os quilombos eram lugares para onde os negros escravizados fugiam para viverem em liberdade, e mais famoso foi o Quilombo de Palmares, lá eles tinham uma agricultura variada: Milho, Feijão, Arroz, Mandioca, Frutas. As religiões e os seus deuses (Orixás) trazidos da África. Nós entendemos que há 500 anos atrás os negros queriam viver livre da escravidão, eles só queriam ser feliz. (Alunos/as) do 4º ano, da U.I.D.A - Turno vespertino – 2015)

O dia da consciência negra, foi baseado no dia da morte de Zumbi há 500 anos atrás os negros e índios eram livres, os portugueses e espanhóis estavam em busca de novas terras, entraram no continente americano e mataram vários índios. Em 1500 o Brasil foi invadido e transformado em colônia de Portugal, eles (índios) tinham que produzir e extrair riquezas como: Algodão, Açúcar, Madeira e Diamante etc. Em 1655 palmares foi atacado e o chefe da tropa raptou um menino recém-nascido, essa criança foi chamado de Francisco aos 15 anos de idade, ele fugiu para o quilombo de palmares e lá ganhou o nome de Zumbi e ainda jovem se tornou o general das armas, com a morte do rei ganga zumba, zumbi foi aclamado rei de palmares. No dia 20 de Novembro de 1695 as tropas inimigas descobriram o esconderijo de Zumbi e ele foi assassinado. Por isso o dia 20 de Novembro é considerado o dia nacional da consciência negra. A luta do quilombo dos palmares, que durou mais de 100 anos serviu de exemplo para nós nos unirmos e dizer não ao racismo que infelizmente existe até hoje. (Alunos/as) do 4º ano, da U.I.D.A - Turno vespertino – 2015).

C.2 - CARTILHA ESTA HISTORIA EU NÃO CONHECIA

Em relação a análise desta Cartilha os alunos/as, foram divididos em grupos, onde foram trabalhadas algumas perguntas em sala de aula, alguns discentes optaram em escrever seus comentários sem seguir a referida sequência de perguntas sugeridas, portanto apresentaremos as respostas dos alunos/as.

Grupo 01 – Alunos/as que responderam seguindo a sequência de perguntas sugeridas

1. O que você achou da cartilha?

Achamos muito interessante, porque conta a história sobre preconceito e sobre: escravidão e racismo, a cartilha é muito legal (Alunos/as do 4º ano, da U.I.D.A - Turno vespertino – 2016).

2. O que você achou das figuras?

Achamos muito legal, interessante e bonita (Alunos/as do 4º ano, da U.I.D.A - Turno vespertino – 2016).

3. Qual a mensagem que está sendo passada?

A mensagem que está sendo passada, é que não devemos xingar, não devemos ter racismo, não devemos fazer as pessoas negras de escravos (Alunos/as do 4º ano, da U.I.D.A - Turno vespertino – 2016).

Grupo 02 – Este grupo e os demais (03, 04 e 05) não seguiram a sequência de perguntas anteriormente citadas, optaram em expressar suas opiniões através de parágrafos.

Nós entendemos que a princesa Isabel não libertou os escravos. As figuras, representa um menino negro escrevendo e uma menina negra observando. Gostamos da cartilha achamos interessante. Os negros vinham da África contra a sua vontade, pois lá eles eram livres, e chegando aqui trabalhavam muito e ainda eram maltratados, separados de seus filhos, dos maridos, e de suas esposas era uma tristeza (Alunos/as do 4º ano, da U.I.D.A - Turno vespertino – 2016).

Grupo 03

Antigamente com o preconceito, os negros eram tratados como se não fossem humanos, graças a Deus que a princesa Isabel libertou os escravos e os negros. E hoje ainda existe preconceito. Para Deus somos todos iguais, não existe cor da pele, ele não faz a distinção de pessoas, o ser humano é quem faz isso e não pode ser assim (Alunos/as do 4º ano, da U.I.D.A - Turno vespertino – 2016).

Grupo 04

Entendi que essa história é bem bonita e interessante, também achei as figuras bem feias e sem cor. Achei o texto dessa cartilha interessante, porque fala sobre a libertação dos escravos, fala sobre o preconceito, racismo, humilhação. Achei interessante a coragem dos escravos da época, e deles terem lutado pela liberdade (Alunos/as do 4º ano, da U.I.D.A - Turno vespertino – 2016).

Grupo 05

Os escravos foram trazidos à força para o Brasil, para trabalharem na lavoura da cana de açúcar, e pertenciam principalmente a dois grandes grupos africanos de costume e línguas diferentes: o sudanês, vindo do Guiné e o santo vindo do Congo, além dos trabalhos braçais, nas lavouras, o escravo negro também realizava tarefas domésticas, junto a casa dos senhores, tais como cozinheiros, cocheiros, babas, capoeiros, carregadores, entre outros (Alunos/as do 4º ano, da U.I.D.A - Turno vespertino – 2016).

C.3 - REVISTA NEGRO COSME

Em relação a esta Revista os alunos/as, individualmente e em pequenos grupos formados por no máximo três integrantes responderam um questionário referente o que eles/as entenderam sobre a história da Revista, sendo que as respostas transcrevemos a seguir:

1. Você gostou da história contada na Revista? Por que?

Sim, porque é divertido ler e olhar as figuras com os amigos em sala de aula e falar sobre a Guerra da Balaiada e o Negro Cosme (Alunos/as do 4º ano, da U.I.D.A - Turno vespertino – 2016).

Sim, porque a história é real e eu gosto de coisas reais, e vem falar da escravidão, eu já ouvi muitas coisas sobre isso então, eu acho que isso era um bando, por que ninguém nasceu para ser aprisionado, e isso não era certo, só por causa da cor não quer dizer nada, brancos e negros não são iguais, mas eles podem fazer a mesma coisa (Alunos/as do 4º ano, da U.I.D.A - Turno vespertino – 2016).

Sim, pois fala do recrutamento forçado que era usado muitas vezes como forma de vingança e perseguição política (Alunos/as do 4º ano, da U.I.D.A - Turno vespertino – 2016).

Sim, pois conta os problemas sociais e econômicos vivenciados naquela época (Alunos/as do 4º ano, da U.I.D.A - Turno vespertino – 2016).

Um pouco, porque algumas coisas eu compreendi outras não eu não entendi (Alunos /as do 4º ano, da U.I.D.A - Turno vespertino – 2016).

Sim, porque essa história é em homenagem aos negros que lutaram por liberdade (Alunos/as do 4º ano, da U.I.D.A - Turno vespertino – 2016).

Sim, porque fala de muitas coisas interessantes, como por ex: que Dão Pedro I tinha um filho de 5 anos de idade (Alunos/as do 4º ano, da U.I.D.A - Turno vespertino – 2016).

Sim, porque fala sobre uma grande manifestação popular no Rio, gostei pelas fugas e os ataques aos seus senhores (Alunos/as do 4º ano, da U.I.D.A - Turno vespertino – 2016).

Sim, porque o assunto é muito interessantes, a revista fala de coisas de antigamente, eu entendi que cada uma pessoa andava com armas ou facas (Alunos/as do 4º ano, da U.I.D.A - Turno vespertino – 2016).

Sim, porque eles (os escravos) não desistirão de lutar pela sua liberdade, foi legal saber de tudo isso, e que Negro Cosme foi preso mas conseguiu se soltar e no final da história ele foi preso de novo (Alunos/as do 4º ano, da U.I.D.A - Turno vespertino – 2016).

Sim, porque todos os escravos foram libertos por Negro Cosme, gostei também por causa das figuras, por que esta revista fala da importância das mulheres nas guerras, fala também sobre outros quilombolas que estiveram aqui no Maranhão (Alunos/as do 4º ano, da U.I.D.A - Turno vespertino – 2016).

2. Faça um resumo sobre o que você entendeu da História contada na Revista:

Para uma melhor compreensão das repostas dos/as alunos/as referentes a esta pergunta agrupei as repostas em um quadro onde coloquei quatro categorias de entendimento, nos quais correlacionei as respectivas repostas.

Preconceito / Discriminação	Guerra da Balaiada	História do Brasil	Garantia de direitos	Analises das repostas dos aluno/as
<p>Eu entendi que havia muito preconceito com os negros e muita discriminação. O recrutamento forçado era usado muitas vezes como meio de vingança e perseguição política. Que os senhores de fazendas para livrarem seus filhos do recrutamento, ofereciam no lugar deles vários escravos (Alunos/as do 4º ano, da U.I.D.A - Turno vespertino – 2016).</p> <p>Era uma sociedade escravocrata (Alunos/as do 4º ano, da U.I.D.A - Turno vespertino – 2016).</p> <p>Os vaqueiros dos fazendeiros estavam negando – se a acatar o recrutamento, e ficaram presos na cadeia da Vila da Manga, hoje município de Nina Rodrigues (Alunos/as do 4º ano, da U.I.D.A - Turno vespertino – 2016).</p>	<p>A história contada na revista é muito interessante, fala sobre a história do Brasil. É a Guerra da Balaiada que aconteceu a muito tempo atrás. Mostra também como o povo negro era escravizado pelos Portugueses, eles batiam muito nos negros, também tinha muitas guerras, matavam crianças, velhos e mulheres (Alunos/as do 4º ano, da U.I.D.A - Turno vespertino – 2016).</p> <p>O líder da insurreição negra que fez parte da balaiada, uma das maiores rebeliões populares da história do Brasil. Negro Cosme defendia o fim da Escravidão (Alunos/as) do 4º ano, da U.I.D.A - Turno vespertino – 2016).</p> <p>Entendemos que um homem chamado de balaio decidiu vingar a honra das filhas, que foram estupradas, sendo que este homem tornou-se uma das principais</p>	<p>Eu entendi que a história fala de D. Pedro I do trono brasileiro, também fala de seu filho chamado Pedro de Alcântara. Eu também entendi que falava do mapa geográfico no período de 1835 á 1840. Também fala que o Brasil tinha muita violência, nesse tempo eles estavam em guerra, e também os senhores das fazendas tinham que livrar os seus filhos oferecendo em seu lugar os escravos, para serem amarrados e apanharem, eles não recebiam pagamentos. (Alunos/as do 4º ano, da U.I.D.A - Turno vespertino – 2016).</p> <p>Gostei dessa história, porque eu nunca tinha ouvido falar, o que me chamou atenção nessa história foram as violentas lutas de rua entre brasileiros e</p>	<p>Eu entendi que os escravos queriam ser livres e mostrar que todos somos iguais, Entendi que os negros queriam sua liberdade. Eles lutaram pela liberdade, não importava o que ia acontecer, e foi por isso aconteceu a Guerra da Balaiada (Alunos/as do 4º ano, da U.I.D.A - Turno vespertino – 2016).</p>	<p>Através das repostas dos alunos/as compreendi que a abordagem do sujeito real e concreto com o qual nos deparamos cotidianamente, com o qual somos desafiados, e convidados a pensar nossa pratica, a dialogar, sobre o que esse aluno/a pensa, sonha, como ele/a compreende as relações construídas no ambiente escolar, como lida com o racismo, e as questões sociais do seu tempo. Pois enquanto educadores devemos potencializar as discussões sobre as relações étnico-raciais no ambiente escolar, pois, só assim conseguiremos proporcionar aos alunos/as a possibilidade de terem o contato com uma sociedade mais justa e igualitária.</p>

	<p>lideranças da Balaiada. A partir de determinado momento, esse movimento vai ser denominado (Pelas Elites) como a “Balaiada”, e não contando mais com a simpatia dos políticos, Bentiví o líder do movimento, prosseguiu espontaneamente em várias frentes, com vários líderes que vão surgindo, cada um cobrando a sua maneira as dívidas que as elites lhes deviam (Alunos/as do 4º ano, da U.I.D.A - Turno vespertino – 2016).</p> <p>Eu entendi que o líder da Guerra da Balaiada o Negro Cosme, fez tudo o que podia, a favor dos negros e para acabar com a escravidão (Alunos/as do 4º ano, da U.I.D.A - Turno vespertino – 2016).</p> <p>Eu entendi que existia todo um potencial de revolta, a região era um verdadeiro barril de pólvora. Foi dentro desse clima que um sub – prefeito cabano, inimigo político de um fazendeiro Bentiví, ordenou o recrutamento de vários vaqueiros, o citado fazendeiro Bentiví negando – se a acatar o “Recrutamento”, ficou preso na cadeia da Vila da Manga (Alunos/as) do 4º ano, da U.I.D.A - Turno vespertino – 2016).</p>	<p>portugueses, outra coisa que também chamou a minha atenção é porque a história tem seus mistérios e coincidências. Em 19 de Setembro de 1979, as vésperas dos 137 anos da imortalidade de Cosme Bento das Chagas, foi fundado o Centro de Cultura Negra do Maranhão, para dar prosseguimento a luta dos negros balaies e quilombolas (Alunos/as do 4º ano, da U.I.D.A - Turno vespertino – 2016).</p> <p>Eu entendi que a noite das garrafadas violentas, foi uma luta de rua, uma grande manifestação popular que aconteceu no Rio de Janeiro no dia 6 de Abril de 1831. Na província do Maranhão, durante o período regencial a situação não era diferente do resto do Império. Havia concentração de terras nas mãos dos fazendeiros da época (Alunos/as do 4º ano, da U.I.D.A - Turno vespertino – 2016).</p>		
--	--	--	--	--

3. O que você achou das imagens e figuras da Revista?

Para uma melhor compreensão das repostas dos/as alunos/as referentes a esta pergunta agrupei as respostas em um quadro onde coloquei quatro categorias de entendimento, as quais correlacionei as respectivas respostas.

Relação entre imagem/texto	Bonitas/interessante/legal	Análises das repostas dos aluno/as
<p>Eu achei muito interessante, porque elas combinam com o texto e os exemplos que a revista dá (Alunos/as do 4º ano, da U.I.D.A - Turno vespertino – 2016).</p> <p>Eu gostei das imagens porque com elas fica mais fácil entendermos a história (Alunos/as do 4º ano, da U.I.D.A - Turno vespertino – 2016).</p>	<p>Eu achei que as figuras muito interessantes, elas mostram como os negros foram escravizados pelos Portugueses (Alunos/as do 4º ano, da U.I.D.A - Turno vespertino – 2016).</p> <p>As figuras são muito interessantes e muito divertidas, elas mostram a história do Brasil (Alunos/as do 4º ano, da U.I.D.A - Turno vespertino – 2016).</p> <p>Eu achei as figuras muito interessantes, mas as imagens eram muito violentas, mas isso tem tudo haver com o que acontecia no Maranhão naquela época (Alunos/as do 4º ano, da U.I.D.A - Turno vespertino – 2016).</p> <p>Eu achei as imagens e as figuras muito bonitas, achei a história sobre Negro Cosme e a Balaiada no Maranhão muito boa, (Alunos/as do 4º ano, da U.I.D.A - Turno vespertino – 2016).</p> <p>Interessante, elas mostram as figuras pra gente vê tudo (Alunos/as) do 4º ano, da U.I.D.A - Turno vespertino – 2016).</p> <p>Eu achei muito legais, mas seria melhor se não fosse em preto e branco (Alunos/as) do 4º ano, da U.I.D.A - Turno vespertino – 2016).</p>	<p>Ao analisar as respostas dos alunos/as lembrei das aulas do Curso de Pedagogia e da disciplina: o uso de livros didáticos, onde o professor Severino, nos orientava sobre a necessidade de termos o cuidado de quando fossemos trabalhar livros/paradidáticos com os nossos alunos/as, principalmente do ensino fundamental, pois, teríamos que escolher um material onde as imagens/figuras ajudassem as crianças e os adolescentes a terem uma maior oportunidade de compreenderem a temática trabalhada.</p> <p>Através da vivência e depoimento dos alunos/as, tive a oportunidade de aprofundar minha compreensão de que a escola que deseja pautar sua prática escolar no reconhecimento, aceitação e respeito à diversidade étnico-racial, deverá “banir” de seu ambiente escolar qualquer texto, referência, descrição, decoração, desenho ou visão que construa ou fortaleça imagens estereotipadas de negros/as, ou de qualquer outro segmento étnico-racial diferenciado.</p> <p>Portanto, os materiais utilizados nesta pesquisa conseguiram fazer com que os/as alunos/as se interessassem e compreendessem a temática trabalhada. Em relação ao processo de envolvimento dos mesmos/as na análise da referida revista, a</p>

		metodologia utilizada, demonstrou-se eficaz na medida em que os discentes foram motivados, e conseguiram fazer suas próprias interpretações das imagens e dos textos da Revista Negro Cosme e a Guerra da Balaiada no Maranhão.
--	--	---

4. Você já tinha ouvido falar sobre a história de Negro Cosme ou sobre a Guerra da Balaiada?

Dos 31 alunos/as trabalhados/as só dois já tinham ouvido falar sobre a história de *Negro Cosme e a Guerra da Balaiada*.

5. A partir do que você leu e entendeu sobre a história contada na revista, escreva uma mensagem?

Que os negros sejam respeitados, sem discriminação nenhuma (Alunos/as do 4º ano, da U.I.D.A - Turno vespertino – 2016).

Negro Cosme eu lhe agradeço sobre essa história, você sofreu muito nessa história e ela foi muito boa, eu gostei muito e essa mensagem é para você (Alunos/as do 4º ano, da U.I.D.A - Turno vespertino – 2016).

Minha mensagem é que haja mais amor entre os povos, não importa a cor ou a nossa origem, devemos ser respeitados por que desejo que todos venham a se amar para não haver guerra, mas sim a paz (Alunos/as do 4º ano, da U.I.D.A - Turno vespertino – 2016).

Eu quero dizer que nós temos que aprender sobre a história do negro Cosme, e que antigamente o povo lutava mais, eram mais unidos e se respeitavam mais. Nós não conhecíamos coisas sobre a Balaiada, mas agora estamos conhecendo um pouco sobre essa história e a história do povo negro (Alunos/as do 4º ano, da U.I.D.A - Turno vespertino – 2016).

Foi divertido ler tudo isso, eu também gostei muito de fazer as atividades, eu fiz tudo na escola e a luta do Negro Cosme foi triste, porque no final ele foi preso (Alunos/as do 4º ano, da U.I.D.A - Turno vespertino – 2016).

Eu gostei muito da história, mas que pena que o Negro Cosme morreu, e isso é muito triste. Para mim e para todos ele foi muito importante para o Maranhão e para o Brasil (Alunos/as do 4º ano, da U.I.D.A - Turno vespertino – 2016).

Não importa a cor de nossa pele, ou se somos homens ou mulheres, todos merecemos respeito e esta é a mensagem que eu deixo. (Alunos/as do 4º ano, da U.I.D.A - Turno vespertino – 2016).

Durante o processo de preparação das atividades para trabalhar com as crianças fiquei imaginando como seria a reação delas, pois, quando comecei a lecionar nesta escola os alunos/as estavam retornando de um período de quase três meses sem ter aula por conta de uma reforma realizada na escola, estavam desmotivados/as, e enquanto professor eu estava com o desafio de trabalhar os conteúdos curriculares da SEMED de

São José de Ribamar – MA, e a discussão das relações étnico-racial, a princípio me deu medo, pois o tempo estava curto para preparar e executar as atividades referentes a temática trabalhada, mas com dedicação, planejamento e respeitando os limites cognitivos dos alunos/as consegui traçar um plano de trabalho no qual tinha como meta inicial, conhecer os meus alunos/as e isso não foi tarefa fácil, pois, quando pensamos em quem é o/a estudante do Ensino Fundamental, gostaria de pensar esta criança e adolescente na sua complexidade, na sua singularidade, sem no entanto deixar de levar em consideração que a mesma está imersa em variados processos psicológicos e existenciais. Pois como bem ressalta Piaget (1981, p.200), as crianças e adolescentes adquirem valores morais não só por internalizá-los ou observá-los de fora, mas por construí-los interiormente através de estímulos oriundos do meio social e cultural ao qual estão inseridos.

Portanto, foi a partir destas concepções que comecei a trabalhar com os alunos/as, tendo um olhar de educador, de militante do movimento social negro, e de pesquisador, pois, se bem observamos a abordagem do sujeito real e concreto, com a qual geralmente temos que nos deparar, ela está constantemente nos desafiando, nos convidando a pensar e repensar a nossa prática. Por isso, considero importante trabalharmos com os alunos/as, materiais didáticos e paradidáticos que ajudem as crianças a refletirem sobre as diversidades, que as estimule a respeitarem as diferenças étnicas, sociais, culturais e religiosas, neste sentido, os materiais e publicações com as quais trabalhei nesta pesquisa cumpriram este papel, como mostra as repostas anteriormente elaboradas pelos respectivos discentes.

CONSIDERAÇÕES

Ao concluir mais uma etapa em meu processo de formação, vejo o quanto ainda tenho que percorrer pelas trilhas das descobertas, pois enquanto estiver latente dentro de mim a vontade de aprender, de buscar novos conhecimentos, de interagir, de trocar experiências, eu me sentirei motivado a continuar esta caminhada, e não tem como ser diferente, pois sou filho de um orixá guerreiro, magnífico (atotô meu pai Obaluaiê), que me abençoa a cada dia, a cada despertar e isso me fortalece, faz com que eu fique conectado a minha ancestralidade e a minha família.

Relembrar todos os caminhos, teóricos e práticos os quais percorri, em minha trajetória para identificar, interpretar e analisar as correlações acerca das estratégias construídas e reelaboradas pelo Centro de Cultura Negra do Maranhão, em prol da luta por igualdade de direitos para população negra e pelo direito de termos um ambiente escolar que respeite e valorize a história do povo negro, me fez embarcar em uma viagem a qual eu sempre soube qual seria o meu ponto de partida mas que ao longo do tempo fui descobrindo que não tinha a mínima ideia onde seria meu ponto de chegada, e que bom que isso aconteceu, pois o homem negro militante do movimento social negro que embarcou no Mestrado em Cartografia Social e Política da Amazônia da Universidade Estadual do Maranhão, em agosto de 2014, chegou bem diferente no término de mais uma viagem, pois considero que outras viagens virão, proporcionadas pelo destino que interliga aqueles que estão predestinados a conhecer o processo de amadurecimento e crescimento pessoal, e a fazerem parte de um processo chamado de transformação de “vidas”.

Com certeza terei a oportunidade de conhecer outras pessoas que assim como eu acreditam que a transformação começa dentro de cada um de nós, que temos um corpo que podemos considerar como um território em movimento, mas, jamais esquecerei daqueles/as que chamarei de pérolas negras de minha memória, que são todos/as que contribuíram para que eu pudesse relatar minha experiência, mas há entre essas pérolas negras uma bem especial chamada de Profª Lilian Cristina Bernardo Gomes, pois esta pesquisa é fruto do resultado de um trabalho conjunto entre um orientando e uma orientadora que sempre esteve presente mesmo à distância, e ao concluirmos o nosso trabalho, tenho certeza do dever cumprido, pois, juntos construímos o roteiro desta viagem, tendo o cuidado de observar todos os detalhes, tendo a tranquilidade e a

sabedoria de identificarmos e resolvermos juntos todos os obstáculos que foram aparecendo ao longo do nosso caminho, e esta experiência tão positiva e produtiva ficará gravada em minha trajetória de vida para sempre.

Ao entrarmos no ambiente escolar, conscientes de que a escola deve ser um local de formação para vida social e comunitária, devemos estar atentos para as relações que são estabelecidas neste espaço, pois, devemos trabalhar todas as matrizes étnicas as que constituem o povo brasileiro, em especial a relacionada ao povo negro, pois a partir do conhecimento desta história poderemos fomentar entre as crianças negras, o fortalecimento de sua autoestima, e nas demais crianças não negras a percepção de que o que é diferente não necessita ser sinônimo de desigual, neste sentido, concordo com as reflexões de Brasil (2006, p.69), quando nos diz que:

Crianças, adolescentes e jovens, negros/as, têm vivenciado um ambiente escolar inibidor e desfavorável ao seu sucesso, ao desenvolvimento pleno de suas potencialidades. Lançar um novo olhar de contemporaneidade, para que se instalem na escola posicionamentos mais democráticos, garantindo o respeito às diferenças, é condição básica para a construção do sucesso escolar para os/as estudantes (BRASIL, 2006, p.69).

Como desafio temos a tarefa de estimular a prática escolar como processo contínuo e permanente direcionando-o para o que nos orienta as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais, pois somente assim teremos uma educação que contribuirá para que a imagem do povo negro deixe de ser correlacionada ao preconceito que tanto prejudica o destino de tantas crianças negras. Desta forma, compreendo que é imprescindível identificarmos e trabalharmos com novos modelos de aprendizagem, com novas formas de pensamento e organização do ambiente escolar. Pois segundo Tavares (2000), é necessário que:

...surjam como estratégia para essa articulação educacional. Devendo possibilitar suma importância às relações interpessoais, deixá-las florir com respeito em todos os espaços para que tenhamos uma “sociedade mais justa, segura, responsável e livre” (TAVARES, 1996, p. 04).

Portanto, faz-se necessário a efetiva implantação no ambiente escolar, de uma pedagogia da diversidade e do respeito às diferenças, o que nos ajudará a reconhecer a importância da escola no processo de desenvolvimento de crianças e adolescentes, neste sentido, ter tido a oportunidade de ser professor colaborador da Unidade Integrada Dunches de Abranches, me proporcionou a oportunidade de refletir em conjunto com: a gestora, a coordenadora pedagógica, coordenadora da SEMED, responsável pelo acompanhamento

pedagógico, e com os/as professores/as a necessidade de implementarmos nesta escola o que determina a Lei. 10.639/03 e as DCNERER.

Em relação aos resultados preliminares alcançados com a realização desta pesquisa, destacamos que:

- A partir da análise das publicações utilizadas nesta pesquisa, as pesquisadoras envolvidas, reconheceram a importância das referidas publicações no processo de implementação da lei 10.639/03, desde que observando-se as recomendações para: a necessidade de uma revisão textual/atualização de dados, revisão das imagens/ilustrações;
- A Gestora e a Coordenadora Pedagógica da Unidade Integrada Dunches de Abranches, considerarem que os resultados desta pesquisa deverão ser incluídos no processo de discussão/reformulação do PPP da escola, e que a mesma, poderá contribuir ainda no processo de discussão na rede municipal de educação do município de São José de Ribamar-MA, da necessidade de implementação da Lei nº 10.639/03 e das DCNERER.
- Esta pesquisa contribuiu no processo de sensibilização dos professores/as do turno vespertino da Unidade Integrada Dunches Abranches sobre a necessidade da implementação da Lei nº 10.639/03, e da inclusão em seus planos de aula do referido tema, tal qual recomenda as DCNERER.
- Esta pesquisa contribuiu no processo de sensibilização e envolvimento dos alunos/as da Unidade Integrada Dunches Abranches, no processo de discussão das relações étnico-raciais, através da realização de atividades educativas e pedagógicas, o que contribuiu de forma direta no processo de observação, interação e registro das interpretações e recomendações dos alunos/as sobre a temática trabalhada, e sobre as publicações utilizadas nesta pesquisa.

Enquanto professor do 4º ano do ensino fundamental, me senti desafiado a trabalhar pedagogicamente com os alunos/as, conteúdos relacionados à educação para relações étnico-raciais, o que me fez ter um cuidado especial ao elaborar os meus planos de aula, e ao selecionar os materiais didáticos e paradidáticos que foram utilizados, pois, enfrentei o desafio, enquanto professor responsável por oito disciplinas (matemática, português, ensino religioso, ciências, geografia, história, educação física, e artes), de incluir em todas essas disciplinas, aspectos relacionados a história do povo negro.

Acredito que enquanto professores, devemos exercitar a nossa reflexão teórica, as quais vão respaldar as nossas escolhas metodológicas, pois, pensar propostas para

implementação da lei nº 10.639/03, nos obriga a focalizar e reagir a estruturas escolares que constantemente tentam nos enquadrar em modelos por demais rígidos. Atentarmos para a interdisciplinaridade nesta proposta é estarmos abertos ao diálogo, à escuta, à integração de saberes, e a ruptura de barreiras, pois como bem destaca Brasil (2006): “A educação brasileira poderá lançar mão de alguns princípios fundantes, concepções filosóficas de matriz africana, recriadas nas terras brasileiras, incorporando-os como constituintes do processo educativo, permanecendo todo o currículo da prática escolar. Desta forma, construir e constituir uma pedagogia que possa realmente, contemplar os valores civilizatórios brasileiros” (Brasil, 2006, p. 59).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam, GARCIA, Mary Castro (Coord.) *Relações raciais na escola: reprodução de desigualdades em nome da igualdade*. Brasília-DF. UNESCO: INEP: Observatório de Violências nas Escolas, 2006.

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1989.

AHMAD. Laila Azize Souto, **Um breve Histórico da Infância e da Instituição de Educação Infantil** P@rtes (São Paulo). V.00 p.eletrônica. Junho de 2009.

<<http://www.partes.com.br/educacao/historicodainfancia.asp>>. Acesso em 03/08/2015.

AKONI Centro de Formação para a Cidadania. **Cartilha do Projeto Ekó Ilerá: (Re) construindo o mundo erê, um olhar para uma educação e saúde que valorize a ancestralidade afro-brasileira**. São Luís: AKONI. 2007.

ALTHUSSER, L. P. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

AMORIN, Rosiane Silveria Rodrigues Veloso. Questionário respondido em São Luís - MA, no dia: 18 de jul. de 2016.

AMARAL, Renata. *Pedra da Memória: Euclides Talabyan, minha universidade é o tempo 1*. Ed. São Paulo: Maracá Cultura Brasileira, 2012.

APPLE, Michael N. **A Educação democrática numa era conservadora**. 2 ed. Petrópolis. Vozes, 1999.

ARAÚJO, Maria Raimunda. Entrevista concedida a Antônio Henrique França Costa, em São Luís - MA, no dia 21 de jan. 2016.

BAUER, Martin, GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BARROS, Ana Amélia Bandeira. Entrevista concedida a Antônio Henrique França Costa, em São Luís - MA, no dia 25 de mai. 2016.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Racismo no trabalho: o movimento sindical e o Estado**. In: LYNN, Huntley; GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo (Org.). *Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 325-342.

BOTELHO, Maria do Socorro. Questionário respondido em São Luís - MA, no dia: 09 de jul. de 2016, 02p.

BRANDÃO, Ana Paula. Entrevista concedida ao Jornal Educação Pública, no Rio de Janeiro-RJ, no dia 01 de ago. 2006.

BRASIL. **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais e para Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília: MEC, SECADI, 2013. 104 _____ Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003, que altera a Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

_____. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico Raciais**. Brasília: SECAD, 2006. 261 p.

_____. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico- Raciais. Brasília: MEC, 2004.

_____. **Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03** /Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 236 p. (Coleção Educação para todos).

CARDOSO, Lourenço. **O branco “invisível”: um estudo sobre a emergência da branquitude nas pesquisas sobre as relações raciais no Brasil (período: 1957-2007)**. (Dissertação de mestrado). Faculdade de Economia e centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, 2008.

CARNEIRO, Sueli. **Gênero e raça**. In: BRUSCHINI, Cristina; UNBEHAUM, Sandra G. (Org.). *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas / Ed. 34, 2002. p. 167-194.

CENTRO DE CULTURA NEGRA DO MARANHÃO. Relatório (1979-1984), breve histórico e estrutura. São Luís - MA: 1984.

_____. Grupo de Dança Afro Abanjá. Relatório do Seminário: Avanços e Desafios para Preservação e Resgate da Cultura Afro Maranhense. São Luís - MA: CCN-MA, 2005

_____. Relatório do Projeto Institucional Centro de Referência da cultura negra, CCN - 2006 e Folder Institucional do CCN, atualizado em 2015. São Luís - MA: 2015.

_____. Vida de Negro no Maranhão: Uma Experiência de Luta, Organização e Resistência nos Terreiros Quilombolas. (Coleção Negro Cosme – Vol. IV). São Luís - MA: CCN, maio. 2005.

_____. Vida de Negro no Maranhão: Uma Experiência de Luta, Organização e Resistência nos Terreiros Quilombolas. (Coleção Negro Cosme – Vol. IV). São Luís - MA: CCN, maio. 2005.

_____. Projeto Sonho dos Erês: Boletim Informativo. São Luís - MA, dez. 2005.

_____. Relatório do Projeto Quilombo Resistência Negra. São Luís - MA: CCN, 2005.

_____. Cartilha A Verdadeira história do Brasil são outros quinhentos. São Luís - MA: CCN, 1999.

_____. Revista História em Quadrinhos Zumbi Vai à Escola. (Coleção Negro Cosme). São Luís - MA: CCN, nov. 1998.

_____. Revista Negro Cosme e a Guerra da Balaiada no Maranhão. (Coleção Negro Cosme). São Luís - MA: CCN, set. 2000.

COSTA, Antônio Henrique França. **O processo de implementação da lei 10.639/03 no currículo escolar da rede municipal de ensino de São Luís – MA**. TCC – Curso de Especialização em Sociologia das Interpretações do Maranhão: Povos e comunidades tradicionais, desenvolvimento sustentável e políticas éticas – Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. São Luís, 2009. 25f: il.

_____, Antônio Henrique França. Monografia – Curso de Pedagogia – Universidade Estadual Vale do Acaraú. **Estudo da Contribuição do Centro de Cultura Negra do Maranhão para a preservação da cultura afro maranhense no bairro dos Barés** – João Paulo. São Luís: UEVA. 2006. 42f: il;

_____. Antônio Henrique França. **Projeto Ojulumó Íponrí: a dança como instrumento educativo e pedagógico**. São Luís: EDUFMA, 2014.

_____. Antônio Henrique França. **A implantação do estudo da História e cultura afro-brasileira e africana no Currículo Escolar da rede Municipal de Ensino de São Luís - MA**. in. MARTINS, Cynthia Carvalho (org.) [et al]. *Insurreição de saberes práticas em comunidades tradicionais*. Interpretação do Maranhão / organizadores, Cynthia Carvalho... [et al]; autores, Davi Pereira Júnior... [et al]. – Manaus: Universidade do Estado do Amazonas – UEA, 2011.

COSTA, Marisa. **Currículo: nos limites do contemporâneo**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

COSTA, Ivan Rodrigues. **CONAQ: um movimento nacional dos quilombolas**. 2008. Disponível em: <<http://www.irohin.org.br/onl/new.php?sec=news&id=3231>>. Acesso em: 30 jun. 2008.

CRUZ, Mariléia dos Santos. **Uma abordagem sobre a história da educação do negro**. In: Romão, Jeruse (org.). *História da Educação dos negros e outras histórias*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005 p.21-34.

CUNHA Jr, H. **Textos para o movimento negro**. São Paulo: Edicon, 1992.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Trad. Sandra Castello Branco. São Paulo: UNESP, 2005.

FERREIRA, Luiz Alves. Entrevista concedida a Antônio Henrique França Costa, em São Luís - MA, no dia 25 de jan. 2016.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis, Editora Vozes, 1999.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. 2 ed. Brasília: Líber Livro Editores, 2005.

FREIRE, Paulo (1997). **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra.

GABARA, Oliveira Larissa. **Perspectivas e Desafios para o ensino formal de História - Lei 10.639/03 / "Usos do Passado"** - XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ, 2006.

GADOTTI, Moacir **A Questão da Educação Formal/Não-Formal**. Institut International des Droits de L'enfant (IDE) .Sion (Suisse), 2005

GIMENO Sacristan J. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

GOMES, Joaquim Benedito Barbosa. **Ação afirmativa e o princípio constitucional da Igualdade**. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.

GOODE, W. J e HATT, P. K. **Métodos em pesquisa social**. 4 ed. São Paulo: Editora Nacional, 1972.

GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

HORTA Marina Luiza. **Colorindo a história: a literatura infantil afro-brasileira de Heloisa Pires de Lima**. Portal Literafro – Revista da Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte 2010. Disponível em <www.lettras.ufmg.br/literafro/autores/heloisapires/heloisacritica01.pdf>. Acesso em 04 de jul. 2016.

JESUS, Ilma de Fátima. **Algumas Considerações sobre a Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira**. /SEMED. São Luís - MA. 2004.

JOVINO, Ione da Silva, **Literatura infanto-juvenil em personagens negros no Brasil**. In. SUZA, Florentina e LIMA, Maria Nazaré (org). *Literatura Afro-Brasileira*. Centro de Estudos Afro-Orientais, Brasília: Fundação Palmares, 2006.

LEITE, Ilka Boaventura; MOMBELLI, Raquel. **As perícias antropológicas realizadas pelo NUER e as lutas por reconhecimento e titulação das Terras de Quilombos**. *Boletim Informativo do NUER: Territórios Quilombolas*, Florianópolis, v. 2, n. 2, 2005.

LUCENA, Benedita Alves Veloso. Entrevista concedida a Antônio Henrique França Costa, em São Luís - MA, no dia 26 de mar. 2016.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MAFRA, Ana Amélia Campos. Questionário respondido em São Luís - MA, no dia: 07 de jul. de 2016, 02p.

MEYER, D. **Escola currículo e diferença: implicações para a docência**. In: Org. BARBOSA, R. L. Formação de EDUCADORES: Desafios e Perspectivas. São Paulo: UNESP, 2003.

MINAYO, M. C. S.. MINAYO, M. e . **Um antropólogo em Marte ou os paradoxos da saúde - doença: um comentário sobre a obra de Oliver Sacks**. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, p. 150-154, 1996.

MORAES, Fabiana. **No país do racismo institucional: dez anos de ações do GT Racismo no MPPE** Coordenação Assessoria Ministerial de Comunicação Social do MPPE, Grupo de Trabalho sobre Discriminação Racial do MPPE - GT Racismo. -- Recife: Procuradoria Geral de Justiça, 2013.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. rev. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Brasil na mira do Pan-Africanismo**. Salvador: EDUFBA: CEAO: UFBA, 2002.

PAIXÃO, Raimundo Mauricio Mattos. Entrevista concedida a Antônio Henrique França Costa, em São Luís - MA, no dia 25 de mai. 2016.

PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. **E as palavras tem segredos...Literatura, Utopia e Linguagem na escritura de Ana Maria Machado**. In: Maciel Lauro Antunes, Almeida Paulo Roberto de, Koury Yara Aun. (Org.). *Outras Histórias: Memórias e Linguagem*. 1ed.São Paulo - SP: Olho d'água, 2006, v. 1, p. 156-176.

PEREIRA, Amílcar Araújo. **A Lei 10.639/03 e o movimento negro: aspectos da luta pela “reavaliação do papel do negro na história do Brasil”**. Rio de Janeiro: 2010.

PIAGET, Jean. *Biologia e Conhecimento*. Petrópolis, Vozes, 1973. **Comentários sobre las Observaciones Críticas de Vygotsky**. In: *Pensamiento y Lenguaje - Teoría del Desarrollo Cultural de las Funciones Psíquicas*. Buenos Aires, Pleiade, 1981, pp. 199-215.

ROLAND, Edna. **O movimento das mulheres negras brasileiras: desafios e perspectivas**. In: LYNN, Huntley; GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo (Org.). *Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 237-256.

SANTOS, Sales Augusto dos. **Movimentos Negros, Educação e Ações Afirmativas**. Brasília, 2007.

SCHERER-WARREN, ILSE. **Movimentos sociais: um ensaio de interpretação sociológica**, 2.ed., Florianópolis, Ed. da UFSC 1987, p.13.

SEMUS. **Relatório do Projeto de Acompanhamento da Situação da Saúde em Bairros periféricos de São Luís-MA**. SEMUS/MA, 2004.

SILVA, Jr Hélio. **A discriminação racial nas escolas: entre a lei e as práticas sociais.** Brasília: UNESCO, 2002.

SILVA, Mateus Soares da. **Uma breve análise quanto ao novo conceito de família, um avanço ou retrocesso social?** 2014. Disponível em: <<http://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/8426/Uma-breve-analise-quanto-ao-novo-conceito-de-familia-um-avanco-ou-retrocesso-social>>; Acesso em: 03/08/2015.

SILVA, T.T. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. 2ed. Belo Horizonte: Autentica, 2002.

SOUZA, M. L. O bairro contemporâneo: ensaios e abordagem política. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 51, n. 2, p. 139-172, abr./jun. 1989.

TAVARES. José. **Uma sociedade que aprende e se desenvolve: relações interpessoais.** Porto: Aveiro, 2000.

TERRAGNI, Laura. **A Pesquisa de gênero.** In: MELUCCI, Alberto. Por uma sociologia reflexiva: pesquisa qualitativa e cultural. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

THOMPSON, E.P. **Costumes em comum – Estudos sobre cultura popular tradicional.** São Paulo: Companhia das letras, 1998.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais.** São Paulo: Atlas, 1995.

VELOSO, Lucinete Trindade. Entrevista concedida a Antônio Henrique França Costa, em São Luís - MA, no dia 26 de mar. 2016.

APÊNDICES**ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A GESTORA DA UNIDADE INTEGRADA
DUNCHES DE ABRANCHES**

4. NOME DA GESTORA (DIRETORA) DA ESCOLA?
5. DESDE QUE ANO A SR^a ESTA NA GESTÃO DESTA ESCOLA?
6. DESDE QUE ANO FUNCIONA O COLEGIADO (CONSELHO DE CLASSE) NESTA ESCOLA? QUEM FAZ PARTE DESTE COLEGIADO ATUALMENTE?
7. A ESCOLA TEM PPP (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO), DESDE QUANDO? EM 2016 O PPP SERÁ REVISADO?
8. A SR^a E OS PROFESSORES (AS) DESTA ESCOLA JÁ PARTICIPARAM DE ALGUMA FORMAÇÃO OU CAPACITAÇÃO SOBRE A LEI 10.639/03⁹⁵ OU SOBRE A QUESTÃO DA EDUCAÇÃO PARA RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS? EM CASO POSITIVO QUAL O RESULTADO OBTIDO COM ESTA PARTICIPAÇÃO?
9. A SR^a ACHA IMPORTANTE TRABALHAR A EDUCAÇÃO PARA RELAÇÕES ÉTNICO RACIAL NESTA ESCOLA? PORQUE?
10. NA ESCOLA TEM O KIT DA COR DA CULTURA⁹⁶? CASO POSITIVO ELE É UTILIZADO?
11. A ESCOLA DESENVOLVE AÇÕES REFERENTES À EDUCAÇÃO PARA RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS? CASO POSITIVO DESTAQUE ESTAS AÇÕES E OS PRINCIPAIS RESULTADOS ALCANÇADOS?
12. QUAL A RELAÇÃO DA ESCOLA COM OS MOVIMENTOS SOCIAIS NEGROS? ALGUMA ENTIDADE DO MOVIMENTO NEGRO JÁ FEZ OU FAZ ALGUM TRABALHO SOBRE A QUESTÃO ETNICO-RACIAL NA ESCOLA?

DATA EM QUE RESPONDEU ESTE QUESTIONÁRIO: _____ / _____ / 2016.

⁹⁵ Torna obrigatório o ensino de história e cultura afro brasileira e africana na rede oficial de ensino.

⁹⁶ O Kit da cor da cultura trabalha com a capacitação de professores e o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na rede oficial de ensino. Este Kit foi distribuído para todas as secretarias estaduais e municipais do Brasil.

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A COORDENADORA PEDAGÓGICA DA UNIDADE INTEGRADA DUNCHES DE ABRANCHES

1. NOME DA COORDENADORA PEDAGÓGICA DA ESCOLA?
2. DESDE QUE ANO A SR^a É COORDENADORA PEDAGÓGICA DESTA ESCOLA?
3. QUAL O HISTÓRICO DA U.I. DUNCHES DE ABRANCHES?
4. QUAL A HISTÓRIA DO BAIRRO ONDE LOCALIZA-SE A U.I. DUNCHES DE ABRANCHES?
5. COMO ESTÁ ESTRUTURADO ATUALMENTE O PPP (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO) DA ESCOLA, EM 2016 O MESMO SERÁ REVISADO? ELE VAI INCLUIR AÇÕES REFERENTES A EDUCAÇÃO PARA RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS?
6. A SR^a JÁ PARTICIPOU DE ALGUMA FORMAÇÃO OU CAPACITAÇÃO SOBRE A LEI 10.639/03⁹⁷ OU SOBRE A QUESTÃO DA EDUCAÇÃO PARA RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS? EM CASO POSITIVO QUAL O RESULTADO OBTIDO COM ESTA PARTICIPAÇÃO?
7. NA ESCOLA TEM O KIT DA COR DA CULTURA⁹⁸? CASO POSITIVO ELE É UTILIZADO?
8. A SR^a ACHA IMPORTANTE TRABALHAR A EDUCAÇÃO PARA RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAL NESTA ESCOLA? PORQUE?
9. A ESCOLA DESENVOLVE AÇÕES (PROGRAMAS) REFERENTE A EDUCAÇÃO PARA RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS? CASO POSITIVO DESTAQUE ESTAS AÇÕES E OS PRINCIPAIS RESULTADOS ALCANÇADOS?
10. QUAL A RELAÇÃO DA ESCOLA COM A COMUNIDADE ONDE ELA ESTÁ INSERIDA? QUAIS AS PRINCIPAIS AÇÕES EDUCATIVAS QUE SÃO REALIZADAS?

DATA EM QUE RESPONDEU ESTE QUESTIONÁRIO: ____ / ____ / 2016.

⁹⁷ Torna obrigatório o ensino de história e cultura afro brasileira e africana na rede oficial de ensino.

⁹⁸ O Kit da cor da cultura trabalha com a capacitação de professores e o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na rede oficial de ensino. Este Kit foi distribuído para todas as secretarias estaduais e municipais do Brasil.

INSTRUMENTAL DE PESQUISA COM A PROF^a ANA AMÉLIA CAMPOS MAFRA

1. QUAL A SUA FORMAÇÃO?
2. QUAL(IS) OS SEUS ESPAÇOS DE ATUAÇÃO ?
3. A SR^a ACHA IMPORTANTE TRABALHAR A EDUCAÇÃO PARA RELAÇÕES ÉTNICO RACIAL NO ENSINO FUNDAMENTAL, UTILIZANDO MATERIAIS PARADIDATICOS EM ESPECIAL OS PRODUZIDOS PELO MOVIMENTO NEGRO? PORQUE? DÊ SUGESTÕES DE MATERIAIS QUE PODERÃO SER UTILIZADOS NESTE PROCESSO?
4. ANALISE AS REVISTAS EM QUADRINHOS ZUMBI VAI A ESCOLA, E NEGRO COSME E A GUERRA DA BALAIADA, A APARTIR DOS PONTOS ABAIXO DESCRITOS DENTRE OUTROS QUE ACHARES PERTINENTES INCLUIR. **OBS: EM SUA ANALISE LEVE EM CONSIDERAÇÃO O PERÍODO EM QUE AS MESMAS FORAM ELABORADAS, REVISTA: ZUMBI VAI À ESCOLA EM 1998, REVISTA: NEGRO COSME E A GUERRA DA BALAIADA NO MARANHÃO EM 2000).**

PONTOS A SEREM ANALISADOS:

- a) QUAL A SUA OPNIÃO SOBRE O FORMATO DA CARTILHA? SE POSSIVEL DÊ SUGESTÕES?
- b) EM RELAÇÃO A FORMA COMO A HISTÓRIA FOI ESCRITA, É DE FACIL COMPREEENSÃO PARA AS CRIANÇAS E ADOLESCENTES (ISTO EM RELAÇÃO AOS ALUNOS DO 4º E 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL)?
- c) QUAL A SUA OPNIÃO SOBRE AS FIGURAS E A FORMA COMO ZUMBI E OS NEGROS/AS SÃO RETRATADOS NESTAS REVISTAS? DE ACORDO COM SUAS ANALISE DÊ SUGESTÕES?
- d) QUAIS AS SUAS CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE AS REVISTAS (ZUMBI E NEGRO COSME)? PEDAGOGICAMENTE É UM MATERIAL QUE PODE SER UTILIZADO NA DISCUSSÃO DAS RELAÇÕES ETNICO RACIAIS COM DESTAQUE PARA IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.63903 NA REDE DE ENSINO?

DATA EM QUE RESPONDEU ESTE QUESTIONÁRIO: ____ / ____ / 2016.

INSTRUMENTAL DE PESQUISA COM A PROF^a MARIA DO SOCORRO BOTELHO

1. QUAL A SUA FORMAÇÃO?
2. QUAL(IS) OS SEUS ESPAÇOS DE ATUAÇÃO ?
3. A SR^a ACHA IMPORTANTE TRABALHAR A EDUCAÇÃO PARA RELAÇÕES ÉTNICO RACIAL NO ENSINO FUNDAMENTAL, UTILIZANDO MATERIAIS PARADIDATICOS EM ESPECIAL OS PRODUZIDOS PELO MOVIMENTO NEGRO? PORQUE? DÊ SUGESTÕES DE MATERIAIS QUE PODERÃO SER UTILIZADOS NESTE PROCESSO?
4. ANALISE AS REVISTAS EM QUADRINHOS ZUMBI VAI A ESCOLA, E NEGRO COSME E A GUERRA DA BALAIADA, A APARTIR DOS PONTOS ABAIXO DESCRITOS DENTRE OUTROS QUE ACHARES PERTINENTES INCLUIR. **OBS: EM SUA ANALISE LEVE EM CONSIDERAÇÃO O PERÍODO EM QUE AS MESMAS FORAM ELABORADAS, REVISTA: ZUMBI VAI À ESCOLA EM 1998, REVISTA: NEGRO COSME E A GUERRA DA BALAIADA NO MARANHÃO EM 2000).**

PONTOS A SEREM ANALISADOS:

- a) QUAL A SUA OPINIÃO SOBRE O FORMATO DA CARTILHA? SE POSSIVEL DÊ SUGESTÕES?
- b) EM RELAÇÃO A FORMA COMO A HISTÓRIA FOI ESCRITA, É DE FACIL COMPREENSÃO PARA AS CRIANÇAS E ADOLESCENTES (ISTO EM RELAÇÃO AOS ALUNOS DO 4º E 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL)?
- c) QUAL A SUA OPINIÃO SOBRE AS FIGURAS E A FORMA COMO ZUMBI E OS NEGROS/AS SÃO RETRATADOS NESTAS REVISTAS? DE ACORDO COM SUAS ANALISE DÊ SUGESTÕES?
- d) QUAIS AS SUAS CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE AS REVISTAS (ZUMBI E NEGRO COSME)? PEDAGOGICAMENTE É UM MATERIAL QUE PODE SER UTILIZADO NA DISCUSSÃO DAS RELAÇÕES ETNICO RACIAIS COM DESTAQUE PARA IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/03 NA REDE DE ENSINO?

DATA EM QUE RESPONDEU ESTE QUESTIONÁRIO: ____ / ____ / 2016.

**INSTRUMENTAL DE COM A PROF^a ROSIANE SILVERIA RODRIGUES VELOSO
AMORIN - SEMED-SÃO JOSÉ DE RIBAMAR/MA**

1. QUAL A SUA FORMAÇÃO?
2. QUAL O CARGO QUE VOCÊ OCUPA NA SEMED (PERIODO QUE INICIOU NO REFERIDO CARGO)?
3. PERIODO QUE ACOMPANHOU AS ATIVIDADES NA ESCOLA DUNCHES DE ABRANCHES?
4. A SR^a JÁ PARTICIPOU DE ALGUMA FORMAÇÃO OU CAPACITAÇÃO SOBRE A LEI 10.639/03⁹⁹ OU SOBRE A QUESTÃO DA EDUCAÇÃO PARA RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS? CASO POSITIVO QUAL O RESULTADO OBTIDO COM ESTA PARTICIPAÇÃO?
5. COMO A SEMED VEM TRABALHANDO A QUESTÃO DA EDUCAÇÃO PARA RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO CURRÍCULO DOS SEUS NIVEIS DE EDUCAÇÃO? SE POSSIVEL FAÇA UMA BREVE DESCRIÇÃO DOS PRINCIPAIS RESULTADOS ALCANÇADOS? E PRINCIPAIS PROPOSTAS PARA 2016?
6. A SEMED TEM CONHECIMENTO E/OU UTILIZA O KIT DA COR DA CULTURA¹⁰⁰ NAS FORMAÇÕES DE SUA EQUIPE TÉCNICA? CASO POSITIVO, QUAIS OS PRINCIPAIS RESULTADOS ALCANÇADOS COM A UTILIZAÇÃO DESTE KIT?
7. A SR^a ACHA IMPORTANTE TRABALHAR A EDUCAÇÃO PARA RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAL NA ESCOLA DUNCHES DE ABRANCHES? PORQUE?
8. QUAL A RELAÇÃO DA SEMED COM OS MOVIMENTOS SOCIAIS NEGROS DO ESTADO DO MARANHÃO? ALGUMA ENTIDADE DESTE MOVIMENTO JÁ FEZ OU FAZ ALGUM TRABALHO EM PARCERIA REFERENTE A DISCUSSÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS?
9. EM RELAÇÃO AO ACOMPANHAMENTO PEDAGÓGICO QUE A SR^a FEZ NA ESCOLA DUNCHES DE ABRANCHES, COMO O MESMO ERA FEITO? QUAIS OS PRINCIPAIS RESULTADOS ALCANÇADOS COM ESSE ACOMPANHAMENTO?

⁹⁹ Torna obrigatório o ensino de história e cultura afro brasileira e africana na rede oficial de ensino.

¹⁰⁰ O Kit da cor da cultura trabalha com a capacitação de professores e o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na rede oficial de ensino. Este Kit foi distribuído para todas as secretarias estaduais e municipais do Brasil.

10. EM ANEXO ENCAMINHO A REVISTA EM QUADRINHO ZUMBI VAI A ESCOLA, POR FAVOR, ANALISE A MESMA APARTIR DOS PONTOS ABAIXO DESCRITOS DENTRE OUTROS QUE ACHARES PERTINENTES INCLUIR. **OBS: EM SUA ANALISE LEVE EM CONSIDERAÇÃO O PERÍODO QUE A CARTILHA FOI PRODUZIDA (ANO DE 1986)?**

PONTOS A SEREM ANALISADOS:

- a) QUAL A SUA OPNIÃO SOBRE O FORMATO DA CARTILHA? SE POSSIVEL DÊ SUGESTÕES?
- b) EM RELAÇÃO A FORMA COMO A HISTÓRIA FOI ESCRITA, É DE FACIL COMPREEENSÃO PARA AS CRIANÇAS E ADOLESCENTES (ISTO EM RELAÇÃO AOS ALUNOS 4 E 5 ANO E DAS SERIES FINAS DO ENSINO FUNDAMENTAL)
- c) QUAL A SUA OPNIÃO SOBRE AS FIGURAS E A FORMA COMO ZUMBI E OS NEGROS (AS) SÃO REPRESENTADOS NESTA REVISTA? SE POSSIVEL DÊ SUGESTÕES? SE POSSIVEL DÊ SUGESTÕES?
- d) QUAIS AS SUAS CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE A REVISTA? PEDAGOGICAMENTE É UM MATERIAL QUE PODE SER UTILIZADO NA DISCUSSÃO DAS RELAÇÕES ETNICO RACIAIS COM DESTAQUE PARA IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.63903 NA REDE MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DE RIBAMAR?

DATA EM QUE RESPONDEU ESTE QUESTIONÁRIO: ____ / ____ / 2016.

**INSTRUMENTAL DE PESQUISA COM OS/AS PROFESSORES/AS DA UNIDADE
INTEGRADA DUNCHES DE ABRANCHES**

I

IDENTIFICAÇÃO: DO PROFESSOR/A:

NOME COMPLETO

IDADE: SEXO: () M () F ETNIA ESTADO CIVIL

1. O QUE SIGNIFICA SER EDUCADOR/A PARA VOCÊ?
2. VOCÊ INSERE EM SEU CONTEÚDO PROGRAMÁTICO QUESTÕES QUE ABORDEM A DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL OU O RACISMO? EM CASO POSITIVO COMO É FEITO ESTA INSERÇÃO?
3. VOCÊ JÁ PARTICIPOU DE ALGUMA FORMAÇÃO OU CAPACITAÇÃO SOBRE A LEI 10.639/03 OU SOBRE A QUESTÃO DA EDUCAÇÃO PARA RELAÇÕES ÉTNICO- RACIAIS? EM CASO POSITIVO QUAL O RESULTADO OBTIDO COM ESTA PARTICIPAÇÃO?
4. VOCÊ ACHA IMPORTANTE TRABALHAR A EDUCAÇÃO PARA RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAL NESTA ESCOLA? POR QUÊ?
5. VOCÊ CONHECE OU JÁ OUVIU FALAR SOBRE O CCN? CONHECE ALGUMA AÇÃO OU PROJETO DESENVOLVIDO POR ESTA ENTIDADE DO MOVIMENTO SOCIAL NEGRO EM RELAÇÃO AO COMBATE AO RACISMO?
6. DEIXE UMA SUGESTÃO DE COMO PODE SER TRABALHADA EM SUA PRÁTICA EDUCATIVA E PEDAGÓGICA O CONTEÚDO DA DIVERSIDADE?

DATA EM QUE RESPONDEU ESTE QUESTIONÁRIO: ____ / ____ / 2016.

ROTEIRO DE PERGUNTAS UTILIZADAS EM SALA DE AULA COM OS/AS ALUNOS/AS – INTERPETAÇÃO DA REVISTA EM QUADRINHOS NEGRO COSME E A GUERRA DA BALAIADA.

1. VOCÊ GOSTOU DA HISTÓRIA CONTADA NA REVISTA? POR QUE?
2. FAÇA UM RESUMO SOBRE O QUE VOCÊ ENTENDEU DA HISTÓRIA CONTADA NA REVISTA?
3. O QUE VOCÊ ACHOU DAS IMAGENS E FIGURAS DA REVISTA?
4. VOCÊ JÁ TINHA OUVIDO FALAR SOBRE A HISTÓRIA DE NEGRO COSME OU A GUERRA DA BALAIADA?
5. A PARTIR DO QUE VOCÊ LEU E ENTENDEU SOBRE A HISTÓRIA CONTADA NA REVISTA, ESCREVA UMA MENSAGEM?

ANEXOS

ESSA HISTÓRIA EU NÃO CONHECIA...

-Mãe! Hoje lá na escola um menino me bateu, aí eu bati nele. E sabe o que ele falou? "Seu neguinho! Culpado disso é a princesa Isabel." Por que hein? Não entendi?

-Filho, ele deve dizer isso porque muita gente pensa que se essa D. Isabel não assinasse a lei que libertou os escravos, até hoje todos os negros estariam levando chicotadas!

-Ah! Quer dizer então que essa princesa Isabel, era muito boazinha, é? Se não fosse ela...

-Não, filho! Essa história não é bem contada nas escolas; quando a princesa assinou a lei, que foi chamada de Lei Áurea a escravidão estava praticamente terminada no Brasil, e se não fosse ela seria outro que assinaria.

-Ah! Então tinha muitos senhores bonzinhos, né? Já que havia muitos negros livres em 1888. Como foi hein mãe?

-Bonzinhos? Eles queriam era se ver livre dos negros. Não era mais interessante ter escravos; eles falavam que era muito dispendioso "sustentar pretos". E mesmo não havia mais escravos em nenhum lugar do mundo; apenas no Brasil e nas colônias espanholas.

-Mas, os negros trabalhavam muito, não era?

Diz que era desde a madrugada até tarde

da noite. Então os se-

nhores não sustentavam nada...

-Claro! Os negros vinham da África contra a sua vontade, pois, lá eles eram livres, chegando aqui, trabalhavam muito e ainda eram maltratados, separados dos seus filhos, dos maridos, era uma tristeza,





-Ah! Isso a professora já falou; dizem que alguns morriam sô de tristeza. Mãe? mas por que eles não batiam também nos brancos? Eles eram tantos!

-Bem isso acontecia de vez em quando, houve muitos casos de morte dos senhores e feitores praticados pelos escravos. Mas o que mais havia eram as fugas. Ah! como fugiam!

-Fugiam? E prá onde eles iam? Ah! mãe essa história é bem interessante. Isso também a professora falou; que eles fugiam para as matas e formavam uns... não me lembro o nome...

Quilombo. O lugar onde os negros passavam a morar no meio das matas chamava-se quilombo ou mocambo e os negros fugidos eram chamados de quilombolas.

-Quilombolas? que barato! Mas o que eles faziam escondidos no meio do mato? Puxa! devia ser bem ruim. Mãe! diz o 'que eles faziam, a professora sô falou que eles fugiam para as matas...

-Eu sei! A história não mostra que os negros nos quilombos se organizavam e tinham o seu chefe; plantavam roças em conjunto e vendiam a produção para os comerciantes dos povoados vizinhos. Houve quilombo como Palmares que durou quase 100 anos e ninguém conseguia destruir.

-Puxa! Quem destruía os quilombos? E por que hein, mãe?



-Ah! filho! o escravo era uma mercadoria, custava muito caro. Então, quando fugia era dinheiro que os senhores estavam perdendo. Aí eles pediam proteção do Governo. Estes mandavam os soldados, os capitães do mato e se internavam nas matas atrás dos quilombolas.

-Mãe! aqui no Maranhão teve Quilombos?

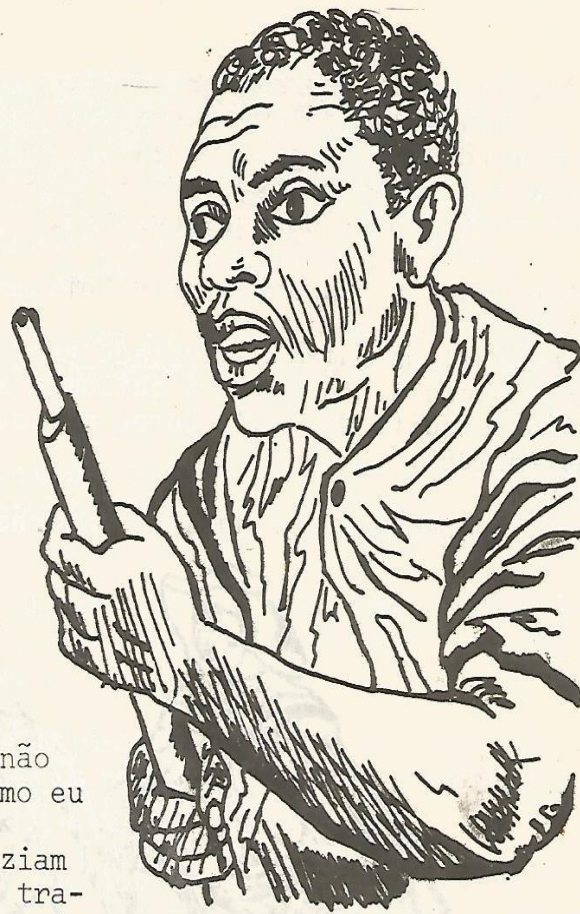
E muitos! As matas de Turiaçu eram as preferidas pelos negros fugidos. Lá teve um quilombo muito famoso, chamado "São Benedito do céu". Durou muitos anos e só foi destruído em 1867.

-Ah! eu pensava que aqui no Maranhão...



-Filho! Aqui no Maranhão teve até uma insurreição de escravos. Começou em Turiaçu e se estendeu até Viana. Levou uns três meses para acabar. Os brancos ficaram apavorados. Eram mais de 900 negros invadindo as fazendas daquela região.

-Ora! Então os negros não eram bobos e fracos como eu pensava. Sabe, mãe? eu pensava que eles só faziam trabalhar e apanhar... trabalhar e apanhar... e me dava uma raiva...



-É! filho, muita gente pensa assim. Trabalhar; trabalharam muito e se não fosse eles o Brasil não seria o que é hoje. Apanhavam quando não havia jeito de se livrar do chicote, mas, ficavam muito revoltados e faziam de tudo pra se livrarem da Escravidão.

-Ah! Agora quando aqueles caras lá no colégio falarem que culpado disso é a princesa Isabel...

-Você fala das coisas que eu lhe falei, pois, essa história eles não conhecem...

DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO E DIVULGAÇÃO
DO CENTRO DE CULTURA NEGRA - MARANHÃO